

SINALIZAÇÃO INTERPRETATIVA: SUBSÍDIOS PARA REVITALIZAÇÃO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS DA COMUNIDADE TRADICIONAL DA COSTA DA LAGOA - FLORIANÓPOLIS, SC

Romário José Fernandes
Prof. Victor Henrique Moreira Ferreira, Me. (orientador)

RESUMO

Este estudo pretende demonstrar um olhar abrangente da dinâmica fenomenológica do turismo, salientando seu relacionamento com os destinos receptores sob diferentes óticas do conhecimento científico. Para isso, promove-se uma abordagem sumária sobre a função da sinalização interpretativa como forma de linguagem atribuída aos atrativos turísticos, utilizando deste instrumento para aguçar a percepção e enriquecer o envolvimento entre turistas e autóctones. Desse modo, esta introdução pretende transpor a pura visão comercial a qual esta incumbida a atividade, produzindo uma reflexão dentre outros diferentes aspectos correlacionados a sua órbita, em uma análise que permita questionar o teor da validade da experiência turística. Em especial, este artigo direciona-se para região da Costa da Lagoa comunidade tradicional do município de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina - Brasil. Nele o autor busca exprimir seu apelo quanto a necessidade de políticas públicas e iniciativas sinérgicas ao fomento turístico, sensibilizando para tanto, a importância do planejamento participativo, como tônica para alcançar o desenvolvimento sustentado do turismo através de uma relação autêntica e harmônica. Neste trabalho foi utilizado a abordagem qualitativa e, como técnicas a pesquisa bibliográfica e o questionário, delineando assim seu caráter experimental.

Palavras-chave: Turismo. Sinalização interpretativa. Costa da Lagoa.

ABSTRACT

This research intends to demonstrate a wide view at the tourism's phenomenological dynamics, emphasizing its relation with the destinations from different points of scientific knowledge. In this sense, a concise approach about the use of interpretive signage as a communication tool assigned to the tourist attraction is elaborated, using this tool to sharpen the perception and to increase the interaction between tourists and natives. Therefore, this introduction intends to overcome the commercial vision which this activity holds, producing a reflection among other different aspects related to this issue, in an analysis that allows us to question the legitimacy of this experience. This article is centered at Costa da Lagoa, a traditional community in the city of Florianópolis, in the state capital of Santa Catarina - Brazil. The author expresses the need for public policies and for synergistic initiatives to promote tourism, aiming the importance of participatory planning, as an attempt to achieve a sustainable tourism development through an authentic and harmonious relationship. To make this research possible and legitimate, it was used qualitative approaches and literature research as well as the application of a questionnaire as technique to outline its experimental characteristic.

Keywords: Tourism. Interpretive signage. Costa da Lagoa.

1 INTRODUÇÃO

A análise estrutural do turismo vem sendo objeto de estudo entre diferentes áreas do conhecimento, seja por seu envolvimento multidisciplinar, ou por sua forte influência no mercado (local) global (BENI, 1997). Este fenômeno é percebido como veículo mediador da paz, já que permite o conhecimento e a interação entre diferentes realidades sociais, como declarado no I Congresso Internacional de Ética e Turismo realizado em Madri na Espanha (ONU, 2011). É percebido como um dos setores econômicos com grande potencial de crescimento, que nas últimas décadas vem sendo investigado por pesquisadores e especialistas, atentos a suas novas perspectivas (DIAS, 2003).

Acredita-se que a difusão do turismo como atividade, se deve a múltiplos acontecimentos históricos, onde o indivíduo era obrigado a encontrar novos lugares, a medida que dependia dos recursos necessários para sua sobrevivência deixando de ser sedentário (GOELDNER, 2002; DE LA TORRE, 1997). Atualmente impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico e pela difusão da economia globalizada, o turismo produziu efeitos nunca antes vistos, representando o principal gerador de riquezas, que segundo a Organização Mundial do Turismo - OMT (2014), movimentou um montante em torno de 1,4 trilhões de dólares em 2013 (tradução nossa).

Este fenômeno é idealizado pela necessidade ascendente dos indivíduos que, vinculados as obrigações rotineiras, promove evasão a espaços ao qual não possuem vínculos, impulsionados por diferentes motivações, utilizando de equipamentos e serviços turísticos, sem que exerça vínculos empregatícios, em um período inferior a um ano (ACERENZA; 2002; BARRETO, 1995; IGNARRA, 2013; TRIGO, 2002).

O envolvimento com os polos receptivos se mostra de extrema complexidade, atentando aos reflexos produzidos na promoção do destino, que dependem de planejamento participativo e iniciativas comprometidas com o seu desenvolvimento sustentável. Os destinos indutores necessitam de políticas alinhadas, que potencializem a promoção da atividade, sem que haja o comprometimento da dinâmica intrínseca pertinente de cada região, fortalecendo sua identidade cultural através de uma forma de linguagem interpretativa (MENESES, 2006).

Este estudo tem como problemática focar em um dos cenários turísticos nacionais, especificamente para Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina - Brasil, revelando suas características sócio-espaciais que fazem da região um importante destino indutor, analisando sua promissora relação com a atividade turística (OLIVEIRA, 2011). Considerada como a capital de belezas naturais do Mercosul, Florianópolis foi eleita a segunda entre as

idades brasileiras que mais vem atraindo visitantes internacionais movidos a lazer, aponta o estudo sobre a demanda turística, realizado pelo Ministério do Turismo (BRASIL, 2014).

Em especial, este artigo tem como objetivo, demonstrar a sinalização turística como instrumento interpretativo dos atrativos da região da Costa da Lagoa, comunidade tradicional do município de Florianópolis. Esta abordagem vislumbra contribuir para enriquecer o envolvimento entre visitantes e a comunidade autóctone, promovendo uma percepção do lugar sugerido, reconhecendo a sinalização como subsídio para organização do espaço turístico.

Neste sentido, três pontos principais são identificados, primeiro, surge a preocupação com o meio ambiente; segundo, promover aproximação com a cultura e valorização da memória local, e por último, ressalta-se, a necessidade de sinalização interpretativa para estruturação dos atrativos turísticos, como estratégia inerente aos dois primeiros objetos. A importância de trabalhar esses aspectos é expressiva, prevendo que a ausência de medidas de controle e/ou de ferramentas que contribuam para orientação, interpretação e conscientização no destino, podem ocasionar sérios impactos potenciais e reais à comunidade, como comprometer a qualidade da experiência turística.

Para compreender a importância da sinalização turística/interpretativa – e elucidar alguns de seus princípios históricos e conceituais – será realizado em um primeiro momento neste estudo, uma breve contextualização antropológica sobre o avanço da comunicação – compreendendo suas significativas contribuições para a evolução da humanidade. A partir daí, pretende-se indagar o caráter ambivalente da atividade turística – e de seus aspectos correlacionados – prosseguindo de maneira sucinta para a caracterização dos atrativos turísticos, como parte substancial dos núcleos receptores. Por fim, será realizada uma análise situacional da Costa da Lagoa – no intuito de promover um instrumento interpretativo da localidade – que vê no turismo hoje o seu principal provedor econômico.

Entretanto, este trabalho não possui como caráter principal estudar os sistemas normativos das simbologias formais ou tampouco sugerir um modelo estrutural, mas sim, possui como motivação identificar a importância deste recurso como uma forma de linguagem, atribuída a uma destinação turística. Para compreender sua abrangência serão utilizadas diferentes bibliografias, que investigam o turismo multi e interdisciplinarmente, para constituir o presente artigo, tecendo uma visão holística da temática ainda pouco aprofundada no plano teórico do turismo.

2 DESENVOLVIMENTO

É imprescindível o legado histórico permeado através da comunicação, seja esta por meio das expressões faciais e corporais, ou por intermédio de outros sentidos que permitem ao indivíduo ser compreendido. Essa capacidade, se deve a uma longa trajetória que, nos últimos milênios, foi gradativamente aprimorada através de constantes tentativas de se obter trocas de informações. Lyon (1987 apud BONINI, 2001, p. 67) compreende este processo quando:

Um sinal é transmitido de um emissor para um receptor (ou grupo de receptores) através de um canal de comunicação. O sinal terá uma determinada forma e passará um determinado significado (ou mensagem). A conexão entre a forma do sinal e o seu significado é estabelecido pelo que (num sentido bastante geral do termo) normalmente se chama em semiótica o código: a mensagem é codificada pelo emissor e decodificada pelo receptor.

Já o modelo aplicado por Berlo (1999), constitui um estrutura similar, no qual o sistema é composto pela fonte, que é a origem de uma mensagem; a mensagem, que é aquela que possui uma informação a ser transmitida; o codificador, meio pelo qual se organiza os sinais com os quais a mensagem é composta; o canal, mecanismo que conduz a mensagem; o decodificador, unidade interceptadora da mensagem, e por fim, o receptor que avalia se a informação é pertinente.

Os primeiros registros feitos pelo homem foram datados do período paleolítico – as representações desta época aparecem principalmente em cavernas ou em paredes rochosas, comumente conhecidas hoje como arte rupestre (ALVES, 2006). Dantas (2004, p. 245) acrescenta que “na ilusão de desvendar os grandes cenários em que a natureza e o homem tentam se conhecer como espécies habitantes de um mesmo espaço, o homem recria o mistério da terra a partir de símbolos e significados”.

Entre as inúmeras teorias sobre a linguística, a que mais intriga os especialistas deu-se pela origem das palavras, supõe-se que teria partido inicialmente dos sons encontrados na natureza, como demonstra Gontijo (2004, p.20) em sua obra intitulada **O livro de Ouro da Comunicação:**

A origem da fala sempre foi motivo de controvérsias. Desde os primeiros registros escritos, vemos que o homem tenta explicar a origem da linguagem oral. Os egípcios do período arcaico, os gregos da antiguidade, Descartes, Darwin ou Noam Chomsky, hoje, em todos os tempos, pensadores debatem a origem divina ou natural da linguagem, genética ou cultural.

O surgimento da comunicação é praticamente concomitante à origem do homem. O aprendizado da linguagem é percebido como a principal ‘invenção’ humana. “O gesto, o

desenho, a comunicação visual e a escrita foram ferramentas fundamentais para a comunicação, mas a língua oral foi a aquisição mais valiosa de toda humanidade” (GOTIJO 2004, p.15). Sem ela, seria impossível o homem ter desenvolvido e expandido sua capacidade cognitiva que, segundo Laraia (1986, p. 55) compreende que, foi a partir do momento que “[...] o cérebro humano foi capaz de gerar símbolos”, rompendo com a barreira irracional do estado animal, para a concepção da cultura advinda de sua propensão racional.

No campo da psicanálise¹, teoria defendida por Freud, a abordagem é em relação à linguística como premissa para compreender a *psique* humana (REGO, 2006). Assim como o conceito disseminado por Jung (2002) sobre o arquétipo do inconsciente coletivo² (SOUZA, 2013), como sendo possível vertente para a descoberta do léxico até chegar ao advento da escrita.

As formas embrionárias da escrita são autônomas em relação à palavra. O surgimento do signo foi o passo decisivo na direção da escrita [...] Para Février, é aí que começa a escrita. A partir do signo, a escrita tende a coincidir com a palavra por aproximação, alusão ou sugestão (REGO, 2006, p. 61).

Um dos fatos mais expressivos para humanidade foi o surgimento da escrita cuneiforme pelos sumérios babilônicos a cerca de 4.000 a.C. na Mesopotâmia. Isso deu-se graças a uma rica fusão cultural entre duas grandes etnias da época, os sumérios e os acadianos, dando início a primeira civilização humana (CAGLIARI, 2009). Aproximadamente no mesmo período, os Egípcios já utilizavam os hieróglifos e habilidades para confecção de papiros, planta originária do Rio Nilo empregada na escrita. Eles possuíam um complexo sistema de simbologias conhecido como pictogramas (FIGUEREDO; FERREIRA, 2011).

Desde a Antiguidade o homem teve a necessidade de retratar o universo a sua volta para tentar compreendê-lo melhor. Isto implicaria, posteriormente, para a evolução da comunicação por meio da linguística ou através de simbologias até a criação do alfabeto. O alfabeto (ocidental) originado pela junção entre fenícios e gregos, é considerado um dos principais marcos históricos da humanidade, sendo fortemente disseminado pelos romanos em sua expansão político-militar pela Europa no século I a. C., através da fundamentação do

¹ s.f. Freud. Teoria da alma ou da psique. Metodologia terapêutica, elaborada por Freud, que examina o teor inconsciente das palavras, atos e/ou concepções imaginativas de um ser, baseando-se nas relações livres e na transferência. Investigação psicológica que tem por fim trazer à luz da consciência os sentimentos obscuros ou recalçados (DICIONÁRIO *ONLINE*..., 2014, p. 1).

² [...] o ‘inconsciente coletivo’ ou ‘psique objetiva’ é uma estrutura psicológica partilhada a *priori* pela humanidade, ou seja, estruturas mentais e capacidade de atribuir significados às percepções humanas de maneira universal. O inconsciente coletivo é, então, uma predisposição inata, transmitida de geração para geração que atribui à humanidade a capacidade de significar experiências de forma coletiva, possibilitando a ligação do homem com a cultura em diferentes contextos sociais (SOUZA, 2013, p. 04).

latim (MEREGE, 2011). Mediante este princípio, permitiu a perpetuação e difusão do conhecimento traçando uma nova revolução intelectual, que propicia hoje, agregar a todos os povos (CAGLIARI, 2009).

A comunicação vem sofrendo consecutivas alterações graças ao envolvimento de técnicas cada vez mais apuradas, como se presencia atualmente pelo avanço da tecnologia e por sua singular influência global, frente aos novos paradigmas de sociedades interligadas, movidas no processo de globalização (CASTELLS, 1999). Segundo Santos (1998), são decorrentes das técnicas-científicas e informacionais que configuram os tempos hodiernos, representado por tendências efêmeras, relações espaciais instantâneas e pelas culturas e conhecimentos convergentes.

Depois de percorrer uma síntese histórica da comunicação e entender sua influência no cotidiano das sociedades globais, a sinalização turística ganha respaldo no cumprimento das estratégias do planejamento das destinações. A informação age como um importante suporte a ser levado em consideração no desenvolvimento da atividade, atentando às necessidades dos destinos turísticos de promover a interpretação do espaço vivenciado.

Souza (2006, p. 169) contribui dizendo que:

[...] o turismo sustenta-se na comunicação e é reimpulsionado pelo processo de informação, através da leitura interpretativa do lugar, transformada em referencial de valorização. Ao 'fazer saber' e 'tornar comum' o espaço-paisagem de uma localidade, a sinalização turística auxilia a leitura interpretativa deste. Permite que seja dado o valor através do desenvolvimento de significados e revelações para compreensão, reconhecimento e respeito à localidade como um todo gerado e mantido pelos habitantes e visitantes.

Nessa perspectiva de tornar a comunicação comum aos espaços turísticos, permitindo de maneira acessível a interpretação dos elementos envolvidos, surge a iniciativa da OMT (Organização Mundial do Turismo), de compilar um sistema universal de sinais e símbolos turísticos, objetivando facilitar a compreensão em âmbito internacional. Esta instituição tem por finalidade contribuir para o desenvolvimento sustentável do turismo, atuando como órgão regulamentador da atividade que conta com membros de 155 países, com sede em Madri, na Espanha (SEBRAE, 2014).

Como evidenciou o secretario geral da OMT, Francesco Frangialli dizendo que:

Em um mundo tão diversificado, em que as transformações estão se tornando mais frequentes, sob os efeitos da expansão da sociedade da informação e das novas tecnologias de comunicação, mensagens comuns transmitidas por meio de imagens e devem ser planejadas para facilitar o movimento de pessoas e melhorar a segurança, a integridade e o conforto dos usuários de instalações e localidades turísticas. Imagens, palavras, objetos e ideias representados podem ser amplamente

compreendidos se forem simples e atenderem as necessidades universais (SINAIS e símbolos..., 2003, s/p).

A partir desta constatação, transparece que iniciativas voltadas para ordenação dos destinos através de uma leitura acessível dos elementos torna-se parte fundamental, principalmente aquelas ligadas aos programas de planejamento turístico de uma destinação. Como esclarecem Figueiredo e Ferreira (2011, p. 23), afirmando que a

[...] medida que a capacidade de se comunicar foi se ampliando, a capacidade de viajar também se ampliou. Quanto mais aperfeiçoada a comunicação, mais fácil tornava-se criar e acumular conhecimentos, o que contribui decisivamente para maior conforto, bem-estar e sobrevivência humana. Nos dias atuais, saber como apresentar informações é tão importante quanto processá-las.

A sinalização turística como destaca Murta e Goodey (1995), foi inicialmente introduzida na Europa e nos Estados Unidos³ para contribuir com a interpretação do patrimônio⁴, atentando para um número crescente de visitantes em contrapartida à necessidade de valorização social e econômica dos atrativos turísticos. Isso ocorreu pela preocupação de suprir a ausência de aportes educacionais, principalmente aqueles relacionados ao legado histórico e cultural, possibilitando democratizar o acesso aos principais atrativos e estimular sua interpretação, compreensão e valorização (SOUZA, 2006).

Apontam alguns historiadores que essa problemática já era percebida no século XVI, quando o impressor Charles Estienne da cidade de Lyon na França identificou a carência de quaisquer materiais para orientação dos visitantes, publicando os primeiros guias cartográficos da França, com indicações gerais, porém precisas, de rotas e itinerário. Consequente a isso, os “signos e marcas se desenvolveram naturalmente com a evolução das sociedades industriais e a expansão da malha rodoviária e ferroviária” (SINAIS e Símbolos..., 2003, p. 8). Esta mesma fonte destaca ainda que, foi na Inglaterra que surgiu o primeiro sinal fixo na linha Manchester-Liverpool, instituído em 1834, desencadeando uma série de novos acontecimentos que serviriam de parâmetro para os atuais sinais rodoviários.

Percebendo o patamar alcançando pelo crescimento do turismo em âmbito mundial, torna-se eminente o uso do planejamento interpretativo como balizador referencial dentro das destinações turísticas, visando o benefício mútuo entre turistas e autóctones. Como aponta Figueiredo e Ferreira (2011, p. 23), esclarecendo que:

³ Este último, instituiu o primeiro parque nacional para visitação do mundo, o Yellowstone foi fundado em 1872 no estado de Wyoming, qualificado pela UNESCO como patrimônio natural da humanidade, servindo como um importante marco para preservação e sustentação dos recursos em níveis globais (UNESCO, 2014).

⁴ Sobre a relação do patrimônio com o turismo, consultar a obra de Barreto (2000): **Turismo e Legado Cultural**.

A comunicação é de tal importância que, sem ela, a interação social torna-se impossível. Na verdade, a comunicação integra homens em grupos sociais, vitalizando suas atividades – as quais geram e mantêm o processo de desenvolvimento social, cultural, político e econômico.

A sinalização turística, tem por finalidade ilustrar de forma abrangente todas as condicionantes do espaço vivenciado, buscando promover a orientação, conscientização e principalmente ser um canal informativo que fortaleça os laços entre visitante e visitado por intermédio do aprendizado. Em outras palavras Moraes (2010, p. 169) acrescenta dizendo que “o papel da interpretação na educação patrimonial é o de traduzir, explicar, significar e retificar os bens materiais e imateriais, visando despertar o interesse nas pessoas, transformar, aguçar os sentidos e fazê-las perceber formas diversas de vivenciar a cultura”.

Como manifesta Meneses (2006, p.49) dizendo que:

Como historiador, almejo refletir sobre formas de interpretação patrimonial para uso turístico que, ao mesmo tempo, problematizem o passado, contribuam com o conhecimento e sejam instrumentos de inclusão social. A insistência na questão social não é mera militância político-ideológica e sim percepção da necessidade de associação entre interpretação e o atrativo e desses à realidade social para possibilidade de sustentabilidade de ambos.

Percebe-se que a maior parte dos turistas não buscam somente a superficialidade dos destinos, se limitando a eles, apenas, em capturar belas imagens ou consumir *souvenires* de autenticidade duvidosa, ocasionando uma reciprocidade genérica dos lugares em benefício unilateral⁵ (NUNES, 2010). Pelo contrário, estes indivíduos procuram transpor a homogeneia habitual ao qual estão alocados, buscando envolver-se no cotidiano de outras realidades, no intuito de reter o máximo de estímulos e sensações profícuas, fazendo com que aumente seu interesse e produza um sentimento de pertencimento e identificação com o local.

Nessa concepção, o turista quando se depara com condições inusitadas amplia sua capacidade de percepção, permitindo-o decifrar os mais variados signos e significados dos elementos encontrados, simultaneamente, que ele avalia e questiona a legitimação destas sensações no processo de validação da experiência⁶ (TRIGO, 2010; MORAES, 2010).

⁵ A socióloga Fernanda Nunes em sua monografia estuda as representações da favela e seus significados quando descreve o estudo de caso dos suvenires ‘by rocinha’. Em seu trabalho utiliza o termo *turistas-voyer* como sendo, aqueles interessados em visitar a favela, sem com ela interagir (NUNES, 2010).

⁶ Na obra **Turismo de Experiência**, que reúne diferentes olhares acerca do assunto entre renomados autores, Trigo (2010, p.26) ressalta dizendo que: “[...] a experiência é essencial para a socialização, o aprendizado, a articulação profissional e a satisfação pessoal. Esta imersa em uma nuvem complexa de denominação, assim como os temas consciência, teoria, ideia ou vida. Possui, porém diferentes graus de intensidade, duração, qualificação (positiva, negativa, prazer, dor) e hierarquização axiológica, sempre no contexto da subjetividade e do pluralismo sociocultural e biológico que marca a espécie humana”.

Neste século o turismo é percebido como uma das alternativas de crescimento econômico plausível para as regiões que não possuem aptidão industrial, como um representativo recurso a ser levado em consideração. Porém, tais iniciativas prescrevem um olhar mais atencioso quando confrontado com a pluralidade do cenário geográfico local (XAVIER, 2007; ANTUNES, 2006), que na maioria das vezes mostra-se desprovido de infraestrutura e aporte comunicativo.

O turismo necessita ser articulado de forma criteriosa, como esclarece Souza (2006, p. 167), que “[...] a despeito de qualquer discussão a respeito do tipo de desenvolvimento e dos impactos que a atividade pode ocasionar, para que o turismo proporcione benefícios e seja bem explorados, é necessário que seja adequadamente planejado, organizado e administrado”. Pois subentende-se que o turismo pode provocar sérios danos as regiões que carecem de medidas de controle, informação e conscientização, e que não estejam devidamente estruturadas dentro dos perímetros de visitação fornecendo os suportes necessário de apoio ao turista para que o mesmo agregue conhecimento, que o possibilite envolver-se harmonicamente na esfera local (FONTELES, 2004).

Medeiros (2010, p. 34), nessa perspectiva propõe uma observação acerca do assunto, investigando a percepção dos moradores da favela da Rocinha no Rio de Janeiro - Brasil, em seu processo de turistificação⁷:

Parece haver um consenso de que, por meio do turismo, amizades e inimizades são geradas, territórios e comunidades são moldados e legitimados, culturas são hierarquizadas, reconhecidas e renegociadas. No entanto, poucos são os trabalhos que examinam como essas relações de confiança e desconfiança, aproximação e indiferença são formadas e mantidas no plano empírico. A literatura antropológica, tem privilegiado comunidades de certo modo fechadas ou isoladas na tentativa de identificar as alterações em seus padrões culturais a partir do contato com o turista. Os sociólogos e turismólogos, por sua vez, costumam deter-se nos aspectos mais estruturais e, muitas vezes, as sutilezas das relações cotidianas acabam por se perder (MEDEIROS, 2010, p. 34).

Essa reflexão evidencia que o turismo pode assumir formas bipolares, ressaltando o quanto é importante o envolvimento sob diferentes óticas do conhecimento científico na investigação multifacetada do turismo em seu campo de atuação. Isso permite compreender o

⁷ Sarti e Queiroz salientam (2012, p. 11) dizendo que: “O espaço em processo de turistificação vai se modificando, se rearranjando e se reconstruindo a partir da implantação da atividade. Em outras palavras, o espaço sob a égide do turismo modifica-se, fruto das relações sociais entre população autóctone e visitantes, entre estes e os recursos naturais existentes. A paisagem nativa é matéria-prima a ser explorada, a ser consumida; antes ignorada, com seus novos significados, ela passa a ser cobiçada. A sua apropriação pelo turismo pode levar a uma outra ordenação mais restrita, o lugar e o cotidiano abrem-se aos negócios e à especulação imobiliária. Pelo menos por certo período de tempo, a atividade turística, se bem encaminhada, pode ser uma respeitável fonte de renda”.

papel desafiador dos agentes envolvidos que se dispunham em promover o turismo, comprometendo-se em ilustrar as condicionantes do espaço em seus diferentes aspectos, que devem ser levados em consideração para o fomento turístico de uma localidade. Como indaga Moraes (2010, p. 176),

O gestor cultural, ao planejar a comunicação interpretativa, tem como objetivo proporcionar ao visitante a possibilidade de compreender, apreciar e vincular-se com o patrimônio cultural de maneira muito mais significativa que a pura observação de um cenário ou objeto.

Entretanto, Xavier (2007, p. 69) complementa dizendo que

A construção do espaço pelo turismo é percebida de maneira diferenciada pelos grupos de pessoas envolvidas com a atividade [...]. Cada um desses grupos tem percepções diferentes sobre a construção do espaço turístico, da mesma forma que tem atitudes e condutas diferentes.

Nesse direcionamento Souza (2006, p.168) enfatiza que “[...] os órgãos públicos e as organizações privadas são os maiores responsáveis pelo visual de uma localidade”. Assim como, a participação dos moradores locais é de suma importância, desde que os mesmos sejam convidados a fazer parte das etapas de planejamento, através do ‘empoderamento’ comunitário. Isso faz com que os indivíduos tenham uma maior autonomia na proteção e conservação de seus atrativos, que mediante seu envolvimento estimula um sentimento de pertencimento, que se associa a sua própria identidade cultural. Porém, “fica evidente que para executar o planejamento participativo é imprescindível que exista vontade política para descentralizar o poder” (MOLINA, 2001, p. 124).

Para Ruschmann (2001, p. 67) “[...] o planejamento turístico é o processo que tem como finalidade ordenar as ações humanas sobre uma localidade turística, bem como direcionar a construção de equipamentos e facilidades, de forma adequada [...]”. A mesma autora em complemento, cita que se constitui de um “[...] instrumento fundamental na determinação e seleção das prioridades para evolução harmoniosa da atividade turística [...]” (RUSCHMANN, 2001, p. 67).

É nesse sentido que a sinalização turística ganha relevância, contribuindo para tornar o lugar compreensível dentro de um contexto ao qual se inclui, como mecanismo de valorização e reconhecimento, através da percepção do incremento interpretativo e educativo da atividade. “Para o turismo, a paisagem deve ser interpretada. Interpretar a paisagem significa agregar valores ao que é percebido” (XAVIER, 2007, p. 37).

O atrativo turístico é parte substancial dos destinos receptores, “seu conceito é complexo, dado que a atratividade de determinados elementos varia de maneira acentuada de

um turista para o outro” (IGNARRA, 2013, p. 53). Isso demonstra que o reconhecimento de um atrativo está intimamente relacionado ao olhar subjetivo que compete a cada indivíduo identificar e atribuir um dado valor apreciativo, arraigado a sua capacidade de abstração e fruição. Mas, por via de regra, os atrativos turísticos são associados ao grau de particularidade do elemento e de seu caráter simbólico. No entanto, ao turista pode representar tudo aquilo que se difere do seu habitual e seja capaz de reter sua atenção, podendo até estar relacionado a própria motivação de viajar (URRY, 1999).

Recanto tradicional de Florianópolis, a Costa da Lagoa⁸ apresenta inúmeras características que a distingue de outros destinos da ilha de Santa Catarina, aliada a um elevado potencial turístico. A comunidade ‘preserva’ hábitos trazidos pelos primeiros colonizadores da região, os açorianos - entre influências de índios e negros. Isso graças a estratégia político militar de Portugal, em meados do século XVIII de povoar a região sul do Brasil diante a frente inimiga Espanhola (CARDOSO, 2000; CABRAL 1994; MOSIMANN, 2003).

Inicialmente, a agricultura de subsistência exerceu forte influência, e o excedente produzido era repassado às freguesias – nome dado aos distritos que formavam o povoado de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis – destacando principalmente o vertiginoso processo dos engenhos de farinha. Este processo foi um conhecimento adquirido pelos açorianos⁹, ao identificar a abundância do cultivo da mandioca na região pelas tribos indígenas, principalmente os carijós (CECA/FNMA, 1996; ANTUNES, 2014).

Os engenhos representam um significativo meio produtivo no processamento da cana-de-açúcar, assim como o da mandioca que, à época, demandavam grande importância. Estes corresponderam um dos primeiros ciclos econômicos da Costa da Lagoa, sendo substituídos gradativamente pela pesca e o turismo, que atualmente correspondem aos principais geradores de emprego e renda da comunidade. Hoje, dos muitos engenhos que ali existiam, resta apenas

⁸ A Costa da Lagoa é reconhecida como comunidade tradicional do município de Florianópolis, pelo decreto Lei 15.657/2014 (FLORIANÓPOLIS, 2014). Antunes (2014, p. 01), complementa que, é “[...] uma das poucas localidades ao redor da Lagoa da Conceição que tem um histórico de ocupação humana secular. Possui hoje, aproximadamente, 800 moradores nos 293 domicílios dispersos em vários conglomerados de casas” decorrentes das primeiras famílias que povoaram a região, constituindo um assentamento poli-nucleado, que segundo o mesmo autor adequou-se a partir das condições portuárias de navegabilidade.

⁹ A ocupação açoriana/madeirense ocorreu entre os períodos de 1748 á 1756, reunindo cerca de 6.000 imigrantes que se estabeleceram estrategicamente no litoral sul do Brasil, para ocupar o território até então desprovido de efetivo simbólico. Foi considerada umas das colonizações mais expressiva ocorridas naquele período, que resultou na mobilização de um grande contingente migratório. Isso deu-se graças principalmente pela expectativa de encontrar condições melhores que as encontradas no arquipélago de Açores que sofria á época intensos abalos sísmicos, juntamente, a promessa de distribuição de terras, animais e equipamentos para agricultura, firmado pela corte portuguesa, que no entanto, pouco se cumpriu com que se havia tratado (CABRAL, 1994; VIEIRA, 2008; PIAZZA, 1992).

um, como revela Pieroni (2014, p. 50) atentando para “a sobrevivência deste engenho ainda se encontra ameaçada, pois os incentivos públicos são frágeis e passageiros”. A autora defende o rico elo cultural entre a tradição artesanal e sua ressignificação ligada as correntes agroecológica da produção sustentável.

Em resumo, a esta transição socioeconômica se deve ao fato que nas últimas décadas Florianópolis vem sofrendo:

[...] o rápido crescimento urbano, associado à integração da cultura pelos meios de comunicação de massa, alterou profundamente os modos tradicionais de vida. A antiga sazonalidade entre a roça e a pesca foi sendo substituída pela economia de serviços, baseada unicamente no turismo, fazendo desaparecer o desempenho de outras vocações econômicas. Comunidades pesqueiras se transformaram em balneário para temporada de verão, afastando as antigas populações da beira da praia. Toda ilha vem sendo sistematicamente ocupada por novos moradores já integrados ao modo de vida urbano. Com o turismo, percebe-se um novo padrão de consumo que requer não apenas a infra-estrutura adequada, mas uma cultura da diferença que seja tragável, palatável a este padrão. Assiste-se, então, exotização dos costumes, a mercantilização das festas e padronização das diferenças (CECA/FNMA, 1996, p. 72).

Diante desse breve histórico, constata-se que os padrões socioeconômicos dos Ilhéus foram sendo moldados a medida que foi-se absorvendo novas tendências – contrárias às suas antigas tradições comunais (CAMPOS, 1991; PIERONI, 2014) e, dentre estas novas influências, destaca-se o turismo. É nesse cenário de transformações do espaço que surge a necessidade de se investigar a multiplicidade dos aspectos que compõem as realidades cotidianas, a fim de que sejam reconhecidas e valorizadas, principalmente quando estas, são voltadas para a dinâmica do turismo.

A Costa da Lagoa é hoje um dos poucos locais de Florianópolis que ainda possui elementos representativos da cultura popular ilhéu, aquelas que, tempos atrás, eram abundantemente retratadas no universo fabuloso de Franklin Cascaes¹⁰ (CASCAES, 2000). Em ressalva a isto, a sinalização interpretativa pretende contribuir para aguçar a percepção dos indivíduos diante do espaço geográfico, na leitura referencial do legado histórico-cultural,

¹⁰ Franklin Joaquim Cascaes foi um dos principais pesquisadores assíduos sobre a cultura açoriana, ele dedicou parte de sua vida para retratar o cotidiano destes indivíduos, ilustrando o imaginário que girava em torno das histórias narradas por seus personagens, aos quais tinha grande admiração. Cascaes nasceu em 16 outubro de 1908 na praia de Itaguaçu, porção continental de Florianópolis. Desde pequeno já lidava com a vida na roça e com os afazeres nos engenhos de farinha e de cana-de-açúcar, como também, mostrava aptidão para confecção de utensílios empregados para a pesca como para agricultura, sendo posteriormente descoberto por sua expressiva produção artística. Hoje deve-se ao estudioso boa parte dos inventários feitos sobre o homem do litoral catarinense, em seus trabalhos realizados entre comunidades pesqueiras e os antigos sertões da ilha, descrevendo os hábitos, tradições e crenças dos colonos açorianos e seu universo fabuloso, que lhe trouxeram grande inspiração (FLORIANÓPOLIS, 2014).

fazendo com que “o visitante carregue na memória não na mala de viagem” suas mais consistentes recordações (LEITE, 2011, p. 14). Em seguida o mesmo autor ainda cita que:

Sobre cultura, identidade, turismo cultural e patrimônio histórico já se debruçaram vários estudiosos; mas, sobre a interpretação do patrimônio imaterial, ou intangível, e sua relação com a cultura, a identidade, o ‘turismo cultural’ e patrimônio histórico, pouco se estudou e analisou até o presente momento (LEITE, 2011, p. 20).

Observa-se que devido ao acesso, que se limita ao transporte marítimo e por diferentes trilhas, aliado a uma relação social favorável, fez com que a região da Costa da Lagoa conservasse muitas de suas características naturais e culturais em meio às influências contemporâneas. Sobre isso, Antunes (2014) demonstra um profundo interesse sobre o desenvolvimento da cultura náutica na comunidade, reunindo diferentes olhares técnicos sobre sua construção sócio-espacial, destacando a íntima relação com a atividade naval em uma análise cronológica minuciosa. “A Costa da Lagoa é um dos poucos lugares do litoral brasileiro que ampliou sua condição náutica – no número de embarcações e de pessoas que a desenvolvem – para o transporte aquaviário em decorrência da falta de acesso rodoviário” (ANTUNES, 2014, p. 01).

O lugar representa expressivo reduto gastronômico, que se utiliza de pratos típicos, proveniente em maior parte pela pesca artesanal, possuindo no total 13 restaurantes ao longo das margens da Lagoa da Conceição¹¹. O trajeto pode ser feito de barco, realizado por duas cooperativas (COOPERBARCO e COOPERCOSTA) constituídas somente por integrantes da comunidade, ou por trilhas de intenso apelo natural e cultural, contribuindo para o aumento do interesse dos visitantes em conhecer a localidade (ROSA, 2002).

Atualmente, a inclusão da Costa nos programas turísticos tem criado um mercado informal de trabalho com ocupação variada que gira em torno das viagens de barco e da atividade dos restaurantes. A gastronomia exemplifica a bem-sucedida transição social e econômica da pesca para o turismo. A pesca tradicional ainda permanece entre os costenses como atividade secundária de subsistência e a gastronomia segue seu caminho, organiza-se na esfera doméstica (unidade familiar ou grupo de vizinhança) e utilizando do saber acumulado pela cultura açoriana (FERREIRA, 2010, p. 46).

No entanto, Antunes (2014, p. 09) considera que “a atividade turística passou por um processo contínuo de profissionalização e diversificação, por imposição do próprio mercado

¹¹ A Costa da Lagoa está situada na parte noroeste da Lagoa da Conceição onde se estende ao longo de suas margens, esta incluída dentro de uma unidade de preservação, que reúne inúmeros exemplares da fauna e flora e nascentes d’água em meio a Mata Atlântica, como também por diversas construções antigas (engenho, casarão, casarios e ruínas) que marcam sua história. A trilha é tombada como patrimônio histórico e natural do município de Florianópolis, pelo Decreto nº 247, de 06/11/1986, desde a Ponta dos Araçás até a Ponta do Saquinho, que totaliza uma área aproximada de 976,8 hectares (FLORAN, 2014).

na questão do atendimento ao turista” oferecido no local. Em complemento, Rosa (2002, p.41-42) aponta que:

O processo de migração do turista na Costa da Lagoa tem, em sua grande maioria, duração de um único dia. São turistas que se deslocam até lá à procura da culinária artesanal ou movidos pelo próprio passeio. Geralmente chegam para o almoço e retornam no fim do dia [...]. Cumpre ainda destacar que a publicidade do local é feita através do rudimentar e eficiente ‘boca a boca’, e que não há serviços de operadoras turísticas para o local.

É considerável o valor cultural e paisagístico da Costa da Lagoa, porém se percebe a necessidade de uma iniciativa que potencialize tais atributos, no intuito de desenvolver a promoção de novos segmentos turísticos na oferta de produtos e serviços personalizados, agregando os próprios moradores. Com isso possa fomentar o incremento de novas atividades e estimular o tempo recreativo e apreciativo na localidade, atentando para o uso sustentável de seus recursos naturais e culturais, através do planejamento participativo adequado para as suas especificidades.

Objetiva-se que, através de subsídios para sinalização interpretativa dos atrativos turísticos, seja possível contribuir para a revitalização das características do destino, mediante a significação dos elementos presentes na região, favorecendo com isso, a vocação de novas atividades como por exemplo, na promoção de roteiros educativos intermediado por guias locais que utilizem destes dispositivos e, conseqüentemente, consiga elevar seu nível socioeconômico. Acerca do assunto Rosa (2002, p. 41) identifica em seu estudo realizado na comunidade que:

A infra-estrutura receptiva da Costa da Lagoa não recebe investimento estatal, sendo bastante rudimentar, composta por pequenos restaurantes e pousadas familiares. O retorno destes investimentos ainda são lentos, devido basicamente à diferença entre o fluxo da baixa e da alta temporada. A economia da Costa da Lagoa é desenvolvida por dois tipos de atividade: a turística e a pesqueira. A primeira, centro de interesse desta pesquisa, revela o engajamento de toda a comunidade especialmente porque ela é fonte de renda quase que exclusivamente da comunidade local – além de praticamente não se utilizar de recursos externos, os que ali atuam profissionalmente são pessoas da própria comunidade.

Percebe-se, portanto, que a localidade carece de apoio estrutural, principalmente relacionado ao fomento turístico, do qual depende uma grande parte da população que sofre pela oscilação sazonal da atividade, como também pela ausência de investimentos públicos. Uma nota publicada no jornal Diário Catarinense (2014), inclusive, reflete esta relação alarmante diante do número de incidentes ocorridos na cachoeira da região, em função da precariedade da infraestrutura turística da comunidade. A cachoeira da Costa da Lagoa possui grande potencial para atrair visitantes, devido suas características paisagísticas, porém fica evidente a necessidade de iniciativas que vão além dos esforços comunitários para zelar por

este bem público. A Associação de Moradores da Comunidade da Costa da Lagoa – AMOCOSTA – demonstra interesse para que seja implementado no local um parque ecológico, no intuito de desenvolver práticas educativas e interpretativas em conjunto com as iniciativas voltadas para a conscientização e valorização deste simbólico atrativo natural.

Nessa perspectiva, Ramos (2012) enfatiza a necessidade de reestruturação das trilhas da Costa da Lagoa por corresponder um dos seus principais atrativos, que dependeria não apenas de melhorias estruturais mais de manutenções periódicas destes equipamentos – auxiliando com isso, um equilíbrio entre o turismo e o meio ambiente. Além disso, Antunes (2014, p. 09) ressalta que: “atualmente, pode se dizer que a Costa possui um interesse para o turismo que mistura gastronomia, paisagem natural de floresta – para observação e caminhadas – e a lagoa para passeios de barco”. Entretanto:

[...] o que se sabe sobre a floresta, sua biodiversidade ou mesmo da ocupação histórica humana, é pouco disseminado dentro da atividade turística como algo a ser observado. O mesmo enfeitamento se dá com a cultura náutica, marcada pela diversidade de embarcações na região e por conter uma amostra significativa do patrimônio naval brasileiro, pouco valorizado [...]. A Costa da Lagoa tem hoje sua economia baseada no turismo e o patrimônio cultural local não é compreendido ou percebido na sua totalidade pelo poder público, ou pela própria atividade turística, por não haver uma política pública que ampare, comunique e eduque para os valores patrimoniais contidos na vida da comunidade (ANTUNES, 2014, p. 39).

Ações como as citadas até o presente momento neste estudo, exemplificam que, a estruturação, manutenção e valorização dos atrativos (tangíveis e intangíveis) são fatores determinantes para validade da experiência turística, mas que acima de tudo, tais iniciativas possam produzir efeitos benéficos para toda comunidade anfitriã (CORIOLANO, 2013). Portanto, enfatiza-se o quão importante é a inserção de políticas públicas (SOLHA, 2006) alinhadas as propostas de planejamento participativo (OLIVEIRA, 2008), para que assim possam contribuir com o crescimento sustentado do turismo, almejando um diálogo transdisciplinar¹² que a abordagem necessita. Princípios estes, defendidos pela Constituição da República Federativa do Brasil, em seu art. 180 que determina “a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios promoverão e incentivarão o turismo, como fator de desenvolvimento social e econômico” (BRASIL, 1998, p. 1).

Desse modo a sinalização interpretativa pretende contribuir com a percepção do espaço geográfico, através do incremento referencial dos elementos naturais e culturais presentes na região através de sua significação, permitindo de maneira mais consistente a

¹² A transdisciplinaridade para Dencker (1998, p. 30) é “[...] a integração das relações interdisciplinares de maneira global, de modo que a tendência é o desaparecimento das fronteiras entre as disciplinas”.

interação entre turistas e autóctones no reconhecimento das particularidades locais. Com isso, poderá, não apenas ser um instrumento para auxiliar o ordenamento territorial (TELES, 2006), como também, será um recurso indispensável para promover o aprendizado, que proporcione um relacionamento ético e responsável dentre as comunidades receptoras, revigorando seu espírito de hospitalidade (BENI, 2006).

3 METODOLOGIA

Cervo e Bervian (1996, p. 05) identificam que “o Homem não age diretamente sobre as coisas. Sempre há um intermediário, um instrumento entre ele e seus atos. Isso também acontece quanto se faz ciência, quando investiga cientificamente”, para que haja uma evolução do conhecimento. Os mesmos autores ainda prosseguem acerca do assunto justificando que “a ciência é uma das poucas realidades que podem ser legadas às gerações seguintes. Os homens de cada período histórico assimilaram os resultados científicos das gerações anteriores, desenvolvendo e ampliando alguns aspectos novos”.

A primeira parte do desenvolvimento desse artigo, procurou descrever uma breve contextualização antropológica sobre o avanço da comunicação, relacionando o conhecimento proveniente da capacidade cognitiva do ser humano através de seu processo racional e intelectual, como princípio para fundamentar o tema sugerido.

A pesquisa bibliográfica inter e multidisciplinar empregada nesse estudo foi realizada de forma abrangente, não se limitando a poucos autores, abarcando diferentes áreas do conhecimento científico, tecendo uma visão articulada para o desenvolvimento da abordagem. Fachin (2006, p. 129) compreende que “a pesquisa bibliográfica é, por excelência, uma fonte inesgotável de informações, pois auxilia na atividade intelectual e contribui para o conhecimento cultural em todas as formas do saber”.

Entende-se, que pesquisa bibliográfica, em termos genéricos, é um conjunto de conhecimento reunidos em obras de toda a natureza. Tem como finalidade conduzir o leitor à pesquisa de determinado assunto, proporcionando o saber. Ela se fundamenta em vários procedimentos metodológicos, desde a leitura até como selecionar, fichar, organizar, arquivar, resumir o texto; ela é base para demais pesquisas (FACHIN, 2006, p. 120).

Ainda como técnica utilizou-se a observação participante, que constitui-se no envolvimento do pesquisador a realidade local para que o mesmo possa obter uma percepção mais nítida dos diferentes aspectos que compõe suas particularidades. Como descreve Beuren (2012, p. 130) afirmando que na pesquisa experimental ou:

Na observação participante, o investigador participa como um membro da comunidade ou população pesquisada. A idéia de sua incursão na população é ganhar confiança do grupo, ser influenciado pelas características dos elementos do grupo e, ao mesmo tempo, conscientizar da importância da investigação.

Nesse sentido Gil (2009) aponta para a pesquisa experimental como um método de excelência, pelo alto grau de veracidade dos dados, porém o autor evidencia algumas limitações relacionais a ética e as questões humanas no envolvimento pessoal com o objeto estudado, no momento em que pratica a observação participante.

A abordagem qualitativa de acordo com Dencker (1998, p. 97) consiste em uma “[...] análise das causas, condições e frequências de determinadas situações sociais, mediante a sua observação controlada, é a metodologia indicada para compreensão de problemas, estruturas e sistemas sociais”. A mesma autora complementa que na “observação dos fenômenos sociais, feita de maneira intensiva, a qual implica a participação do pesquisador no universo de ocorrências desses fenômenos, é uma metodologia do tipo qualitativo” (DENCKER, 1998, p. 97).

No desenvolvimento do questionário deve-se ter em mente seu propósito e qual o tipo de abordagem que será utilizada pelo pesquisador, para que assim alcance seus resultados esperados. “O questionário consiste em um elenco de questões que são submetidas a certo número de pessoas com o intuito de se coletar informações. E, para que a coleta de informações seja significativa, é importante verificar como, quando e onde obtê-las” (FACHIN, 2006, p. 158).

Beuren (2012, p. 131) delinea com exatidão as características de um questionário, sugerindo que o mesmo:

[...] deve ser claro e limitado em extensão e estar acompanhado de notas que expliquem a natureza da pesquisa e ressaltem a importância e necessidade das respostas, a fim de motivar o informante. O processo de elaboração dos questionários é um tanto quanto complexo e longo, exigindo cuidado na seleção e formulação das questões. As perguntas devem ser claras, concretas e precisas, ter uma linguagem acessível ao entendimento da média da população estudada, possibilitando uma única interpretação, não sugerir ou induzir respostas, referir-se a uma idéia de cada vez, conter apenas perguntas relacionadas aos objetos da pesquisa, evitar questionamentos que, de antemão, sabe-se que não serão respondidos fidedignamente.

Na pesquisa realizada neste trabalho foram aplicados cem (100) questionários para avaliar diferentes pontos mediante sete (07) perguntas, dentre elas o grau de satisfação com a atual sinalização turística/interpretativa da Costa da Lagoa, como também buscou-se conhecer a frequência com que o entrevistado usufrui dos recursos ali existentes, em especial suas trilhas e a cachoeira.

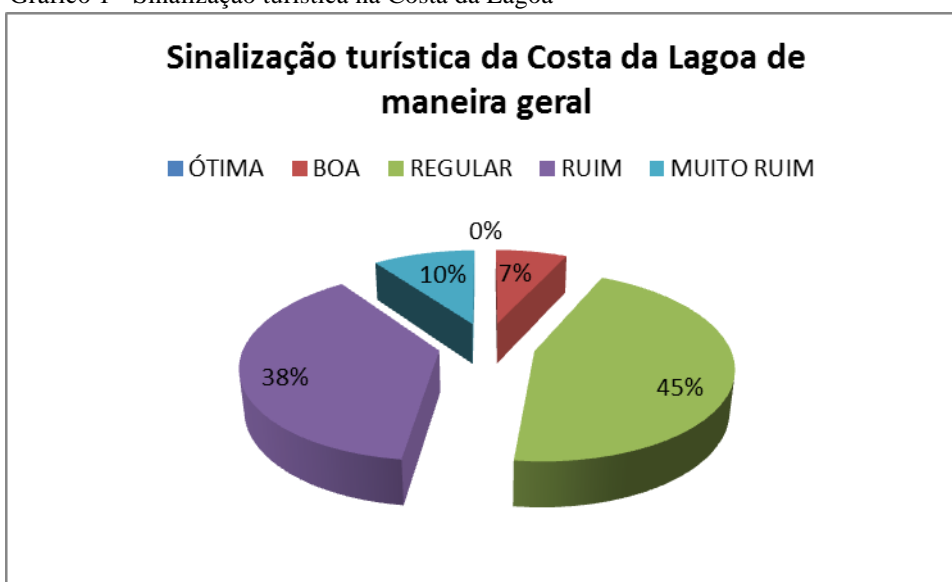
Contudo, foi questionado se há a necessidade de melhorias para revitalização dos atrativos através da sinalização turística/interpretativa, como mecanismo para valorização dos atributos histórico-culturais e ecológicos presente na região. O estudo ocorreu entre os dias 18 de setembro e 09 de outubro do ano de 2014 na comunidade da Costa da Lagoa, Florianópolis - SC, alcançando um número expressivo de pessoas ligadas diretamente com a atividade turística na região, caracterizando assim uma abordagem qualitativa.

4 ANALISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta os dados obtidos com os questionários e a contribuição do autor com relação a sinalização turística/interpretativa voltada para valorização dos aspectos histórico-culturais e ecológicos presentes na região da Costa da Lagoa. Nesse intuito, serão apresentados sete gráficos descritivos que auxiliarão na leitura dos resultados adquiridos com a pesquisa realizada.

O Gráfico 1 demonstra o nível de satisfação com a atual sinalização turística na comunidade da Costa da Lagoa de maneira geral, 45% dos entrevistados apontam como regular, enquanto 38% compreendem como ruim, já 10% reconhecem como muito ruim e 7% definem como boa.

Gráfico 1 - Sinalização turística na Costa da Lagoa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebe-se portanto, que 83% dos entrevistados definem como regular e ruim a atual sinalização turística/interpretativa da Costa da Lagoa, isso evidencia a necessidade de melhorias na estruturação das trilhas já que estas, constituem um dos principais atrativos

turísticos da região. De acordo com os entrevistados, a reestruturação das trilhas poderá contribuir para orientação, conscientização e valorização dos elementos naturais e culturais presentes na comunidade, permitindo com isso inúmeras possibilidades de interpretação do espaço visitado.

Entretanto, surgem algumas iniciativas unilaterais para sinalização das trilhas pela localidade, mas que, infelizmente, não se utilizam da abordagem multi ou transdisciplinar como meio de correlacionar a gama de informações que o lugar possui. Nestas iniciativas, nota-se a ausência de planejamento participativo nas técnicas empregadas, assim como, de uma padronização destes recursos estruturais de forma que permita uma comunicação mais acessível (bilíngue, trilingue e braille), através de uma linguagem que possibilite aguçar a percepção dos indivíduos em relação ao seu entorno, de maneira que facilite a compressão e assimilação das informações.

Hoje, algumas dessas placas encontram-se abandonadas há mais de dez anos, em condições precárias ou depredadas. Outras dispõem de recursos limitados a sua interpretação, por não adotarem os mesmos princípios, com finalidade e propósitos diferentes. Isso pode ocasionar distorções e limitações na análise de seu conteúdo, empobrecendo a capacidade de aprendizado, tanto de turistas quanto autóctones. Outro ponto a ser destacado é que as sinalizações não apresentam balizamento no sentido contrário ao qual foram inicialmente projetadas, ignorando informações básicas como o tempo e a distância aderidos ao percurso.

Figura 1 - Placa precária na entrada da Cachoeira



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 2 - Placa sem painel informativo



Fonte: Elaborado pelo autor.

O Gráfico 2 revela o interesse em retratar seus aspectos histórico-culturais através da implantação de sinalizações turísticas/interpretativas em alguns pontos estratégicos da trilha, 80% dos entrevistados acham muito importante, enquanto outros 20% consideram importante, já as demais opções não foram selecionadas.

Gráfico 2 - Aspectos histórico-culturais



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Costa da Lagoa possui uma rica representatividade histórico-cultural, porém, poucas são as formas que atribuem valor ao reconhecimento destes aspectos e, também, aos estudos direcionados para a interpretação do patrimônio tangível ou intangível que a comunidade possui e, principalmente, que possibilitam a conciliação deste com a atividade turística.

Percebe-se que este estudo sobrepõe os aspectos culturais aos naturais, pela escassez das iniciativas voltadas a este propósito, pelo simples fato de as entidades estarem mais interessadas em averiguar as causas ambientais do que promover incentivos para revitalização dos bens culturais e históricos, deixando-os desamparados e esquecidos – considerações que, não caberiam a este artigo indagar.

Tendo em vista que esta comunidade tradicional mantém relação com o espaço que perpassa séculos – anterior as legislações ambientais – que, de certa maneira, generalizam sua fiscalização sem considerar o vínculo histórico e cultural que os habitantes possuem com o lugar, o que acaba implicando na perpetuação de algumas práticas artesanais transcendentais, assim como na possibilidade de uso destes no fomento ao turismo.

Figura 3 - Casarão da Dona Lóquinha



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 4 - Festa da Farinha do Engenho Vila Verde



Fonte: Elaborado pelo autor.

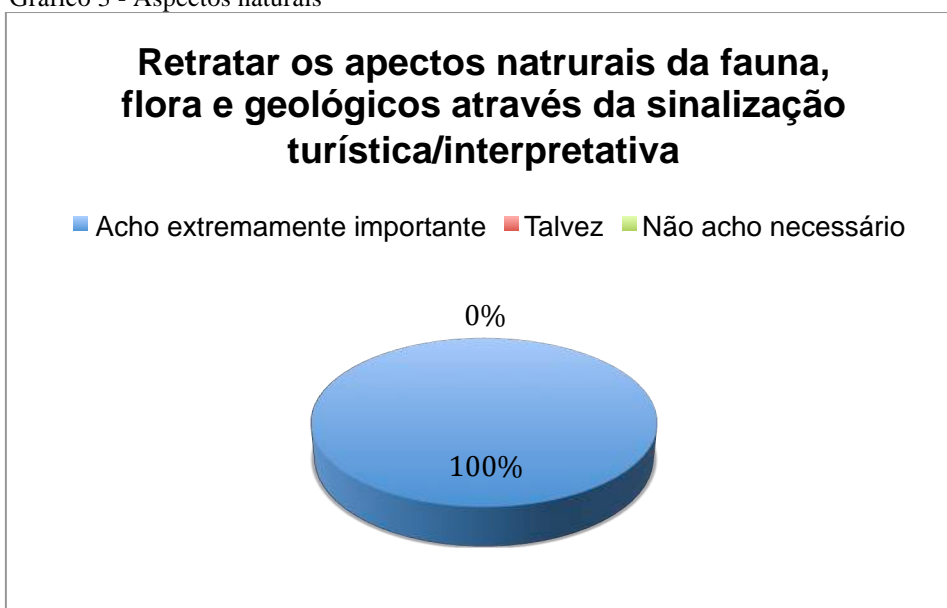
Observa-se que um dos maiores desafios encontrados atualmente na Costa da Lagoa é na articulação de meios que possam garantir a perpetuação de seus significados ancestrais, no sentido em que sejam valorizados e repensados a forma de sua utilização, preocupações estas, demonstradas por grande parte dos moradores da comunidade, principalmente os mais velhos. O turismo quando bem planejado e implementado possui a capacidade de não apenas contribuir para o reconhecimento destas particularidades regionais, como também, é capaz de promover a auto estima da população autóctone, na medida em que fortalece sua identidade cultural. A maior contribuição dessas iniciativas consiste em aproximar os jovens dos valores histórico-cultural local, despertando seu interesse, a fim de que se apropriem do universo ao qual pertencem, já que seu distanciamento é uma das fragilidades que a comunidade possui. Em consideração a isto, as Figuras 3 e 4 representam exemplos de como o patrimônio pode ser repensado para incremento turístico, sem que haja a descaracterização de seus significados originais. Uma sugestão seria promover nesses espaços projetos comunitários que ofereçam oficinas que estimulem as práticas artesanais e ações voltadas ao resgate da memória local, podendo com isso, gerar um ganho através da implementação do turismo e somar esforços para sua revitalização.

É nesse sentido que a sinalização interpretativa pretende ser um elo que aproxime e intensifique a interação entre visitante e visitado, na valorização da identidade cultural e da

memória local, como traduz o Gráfico 2. A abordagem destes aspectos deve ser considerada de suma importância na inclusão das etapas de planejamento turístico da região, pois promove o reconhecimento de suas particularidades, contribuindo para a sustentabilidade da atividade, podendo ainda, ser adequadas à formulação de roteiros culturais, experienciais e sensoriais.

O Gráfico 3 transpõe a necessidade de inventariar os aspectos naturais da fauna, flora e geológicos através da implantação de sinalizações turísticas/interpretativas, como também adotar medidas de conscientização em alguns pontos estratégicos da trilha. Dos entrevistados, 100% compreendem como extremamente importante esta ação.

Gráfico 3 - Aspectos naturais



Fonte: Elaborado pelo autor.

Este gráfico evidencia a preocupação dos envolvidos com a atividade turística em relação aos aspectos naturais, demonstrando a necessidade de adotar medidas mitigadoras aos impactos gerados pelos fluxos turísticos na região. Os entrevistados compreendem que as belezas ecológicas estão entre os principais atrativos do local, se não o principal indutor na captação de turistas à comunidade.

Os quesitos levantados nas entrevistas enfatizam o interesse na conservação das trilhas, atentando para o número ascendente de visitantes que procuram por esta atividade em meio à natureza – pretendendo adequar a prática ao seu entorno, que carece de melhorias estruturais e instrumentos informativos, para preservação e valorização da diversidade de fauna e flora, assim como, retratar alguns aspectos geológicos que contém o lugar.

A iniciativa consiste em realizar estudos geológicos e ecológico através de inventários, para catalogação das espécies endêmicas – reconhecendo seus nomes científicos e populares

considerando a participação dos moradores locais, em pesquisas elaboradas junto aos programas de planejamento participativo entre técnicos, projetos comunitários e entidades afins. Outro quesito a ser levantado é a necessidade de identificar pontos estratégicos das trilhas com alta capacidade de sensibilidade visual, para instalação de pequenas estruturas de apoio às atividades de ecoturismo – como também, propor alguns suportes estruturais aos trechos críticos, articulados em consonância com a proposta de sinalização interpretativa e em harmonia com a natureza. Estas ações permitiriam de forma mais incisiva a conscientização e orientação durante as práticas de caminhada, despertando um sentimento ainda maior em zelar pelo espaço, permitindo uma interação mais consistente com o entorno vivenciado.

O Gráfico 4 aponta a frequência com que o entrevistado caminha pelas trilhas da comunidade da Costa da Lagoa, 52% dos consultados caminham sempre, enquanto os outros 35% caminham às vezes, 12% raramente e 1% depende da estação do ano.

Gráfico 4 - Frequência com que o entrevistado caminha pelas trilhas



Fonte: Elaborado pelo autor.

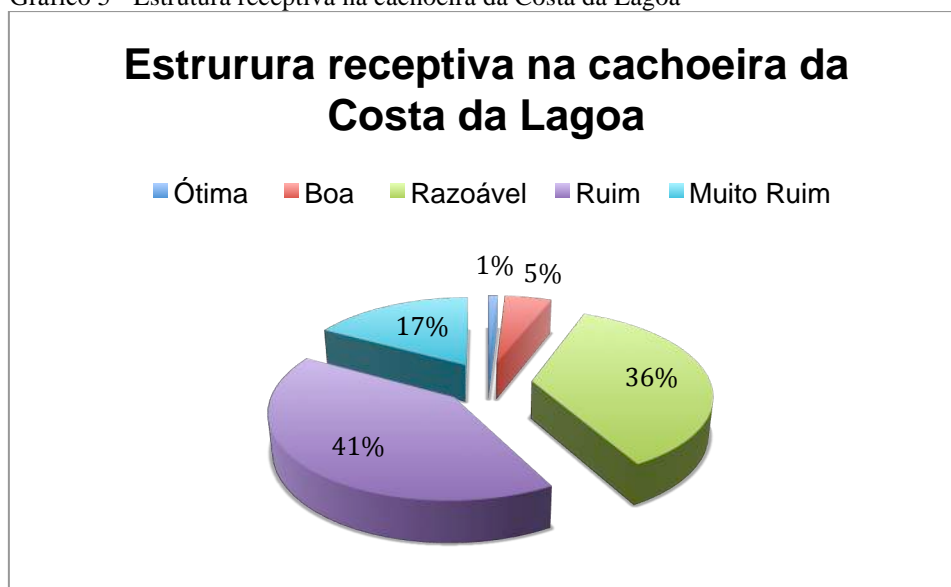
Percebe-se que as trilhas não se limitam apenas aos turistas, mas como um meio indispensável aos moradores que utilizam do acesso, que além das embarcações é a única forma de deslocamento pela comunidade. Portanto, todas as iniciativas citadas até o presente momento – relacionadas a estruturação dos atrativos através da sinalização interpretativa, permitiria benefício mútuo tanto a turistas quanto para os autóctones.

O caminho da Costa da Lagoa foi tombado como patrimônio histórico, cultural e artístico do município de Florianópolis, pelo decreto nº 247 de 1986, através de plebiscitos comunitários e o consentimento do poder público, anulando com isso, a possibilidade de uma

estrada de acesso para o local, que contribuiu decisivamente para a ‘defesa’ e ‘conservação’ de suas características peculiares. Esse, certamente, foi um dos marcos mais importantes para que a Costa atualmente se tornasse um destino ímpar dentro do contexto de Florianópolis, destacando principalmente, as iniciativas empreendedoras por parte de alguns moradores locais para oportunizar a promoção da atividade turística. Entretanto, poucas foram as formas retribuídas em favor a valorização, reconhecimento e preservação deste patrimônio municipal, ou das ações e decisões tratadas quanto da sua importância histórica, como também, dos meios utilizados para discutir e regulamentar a normalização deste decreto com a comunidade, onde hoje, grande parte o desconhece.

O Gráfico 5 demonstra o nível de satisfação com a estrutura receptiva da cachoeira da Costa da Lagoa onde, 41% dos entrevistados descrevem-na como ruim, outros 36% identificam como regular, 17% destacam como muito ruim, 5% definem como boa e 1% como ótima.

Gráfico 5 - Estrutura receptiva na cachoeira da Costa da Lagoa



Fonte: Elaborado pelo autor.

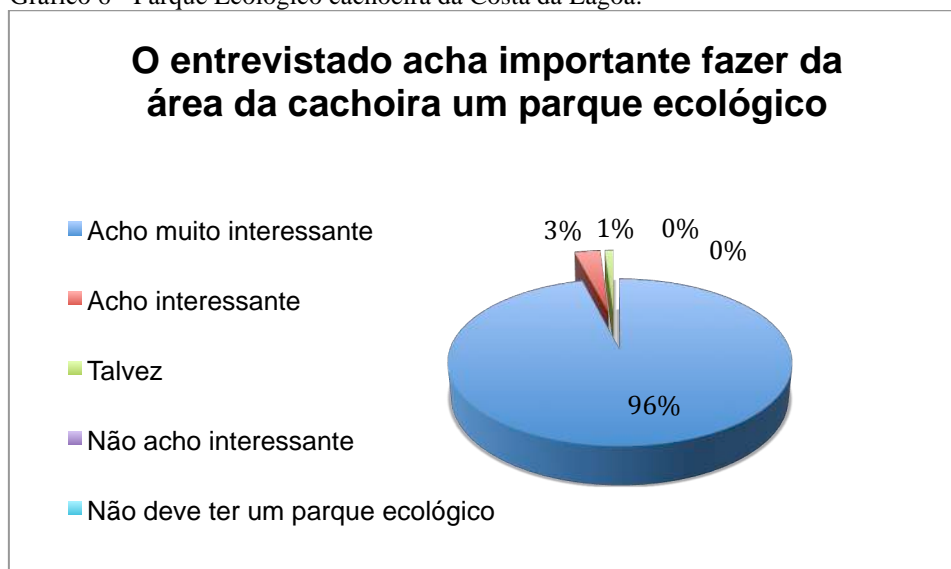
Esse é dos assuntos mais delicados desta pesquisa, por compreender que a cachoeira representa um importante atrativo turístico para a comunidade da Costa da Lagoa, porém, este patrimônio sofre ausência principalmente de uma infraestrutura adequada e de sinalizações turísticas/interpretativas para orientação e conscientização dos visitantes, como também de instrumentos balizadores que apontem sua direção pela comunidade.

O acesso a cachoeira apresenta poucas informações que salientam alguns cuidados necessários que o visitante deve adotar, entretanto estas placas não assumem uma função ostensiva ou ao menos recebem um tratamento adequado que intensifique seu propósito,

assim como, de uma manutenção periódica. Para tanto, dependeria não apenas de sinalização turística, mas de um monitoramento mais efetivo por parte do organismo competente, nos períodos de intensos fluxos turísticos, através de advertências verbais como meio eficiente para reduzir as constantes imprudências por parte dos indivíduos atraídos pelas belezas paisagísticas que corresponde o lugar.

O Gráfico 6 determina nível de interesse em fazer da área da cachoeira um parque ecológico com estrutura acessível, informações educativas e monitoramento para prevenir possíveis acidentes, 96% dos entrevistados acham muito interessante, enquanto os outros 3% acham interessante, 1% tem incerteza e os demais não obtiveram resultado.

Gráfico 6 - Parque Ecológico cachoeira da Costa da Lagoa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

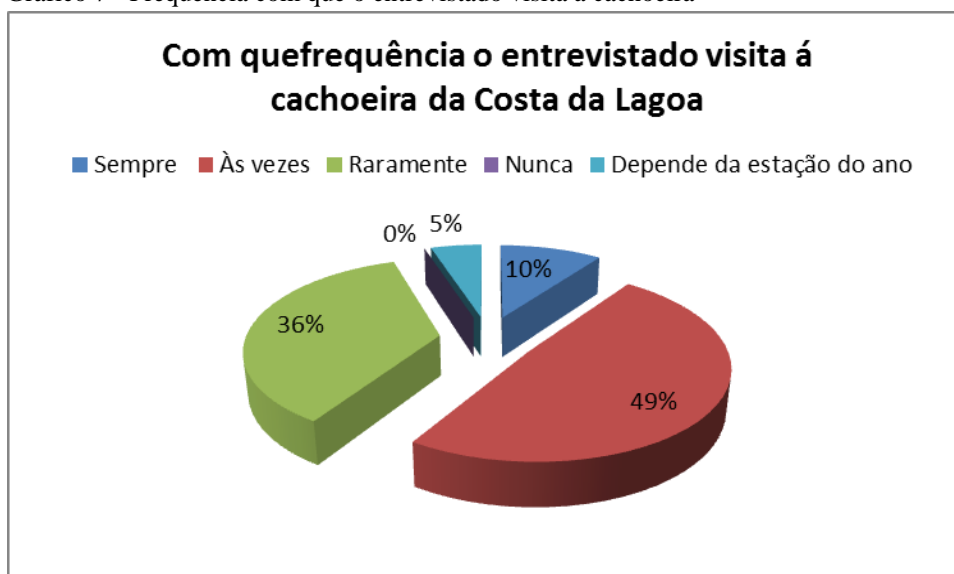
Como já mencionado durante a pesquisa realizada neste estudo, destaca-se a insuficiência de infraestrutura turística na região (exceto as provenientes da iniciativa privada), tal discrepância em meio ao número crescente de turistas que buscam por este reduto, pode ocasionar sérios impacto potenciais e reais a esta comunidade, prevendo suas projeções. Uma das alternativas encontradas junto á alguns representantes locais, foi de promover na área da cachoeira um parque ecológico, com estrutura acessível, informações educativas e monitoramento efetivo para prevenir possíveis acidentes, onde 96% dos entrevistados apontaram como sendo uma iniciativa muito importante para o desenvolvimento turístico na região.

São consideráveis as belezas naturais contidas neste atrativo, seja pela diversidade ecológica demonstrados através de seus atributos paisagístico/cênicos, como pela propriedade dos recursos hídricos dali provenientes, como também, pela variedade de seus elementos

naturais. No entanto, dependeria de incentivos públicos através, por exemplo, do Fundo Municipal de Turismo promover reestruturação do lugar, através de um planejamento adequado a suas especificidades, tornando este patrimônio um espaço ideal para promover as práticas do ecoturismo e seus princípios norteadores.

O gráfico 7 ilustra com que frequência o entrevistado visita a cachoeira da Costa da Lagoa, 49% dos entrevistados visitam as vezes a cachoeira, enquanto os outros 36% correspondem a raramente, já os 10% afirmaram como sempre e 5% disseram que depende da estação do ano.

Gráfico 7 - Frequência com que o entrevistado visita a cachoeira



Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebe-se que este atrativo não se limita apenas aos turistas, mas a uma significativa parcela da população local, como o representado pelo gráfico 7 que demonstra 59% dos entrevistados afirmaram visitar a cachoeira sempre ou as vezes. Com as propostas de melhorias para este atrativo através da implantação de um parque ecológico, poderá não apenas contribuir para aumentar o envolvimento comunitário, como fazer deste, um espaço ideal para promover o aprendizado tanto da comunidade autóctone quanto de turistas em geral, estimulando sua conscientização e participação em prol a preservação ambiental.

Portanto, o que se pretende complementar em relação as análises através da pesquisa – em síntese, demonstra que por mais que se utilizem de técnicas sofisticadas ou de instrumentos que possuam alto nível tecnológico, de nada adiantará, caso as diretrizes propostas não estejam aderidas as premissas do planejamento integrado. Com isso, não fará da comunidade simplesmente um espectador neutro em meio as transformações ao seu

entorno, mas sim, formará agentes protagonistas comprometidos em preservar e defender aquilo que os representa.

Figura 5 - Costa da Lagoa (centrinho da comunidade – Vila)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Contudo, defende-se aqui neste estudo que as informações contidas nestes dispositivos devem promover o benefício mútuo entre turistas e locais no objetivo de promover o aprendizado. A atual pesquisa realizada através de cem (100) questionários direcionados aos envolvidos com a atividade turística na região ratifica tais necessidades, apontando para a falta de amparo em infraestrutura turística na localidade, constatado através dos gráficos mencionados neste estudo. Esta singularidade acaba comprometendo o desenvolvimento da atividade turística na região, na medida em que depende quase que exclusivamente de recursos próprios para se manterem atuantes diante as oscilações sazonais, assim como, para a orientação, valorização e conservação de seus elementos (atrativos) naturais e culturais.

Atenta-se quanto a intervenção do turismo na comunidade que tornou-se seu principal motivador econômico, enfatizando sob o olhar de diferentes autores a ausência de investimentos públicos na região da Costa da Lagoa, que sofre pela insuficiência de estruturação turística.

A sinalização interpretativa como canal de comunicação, possui a capacidade não apenas de contribuir com o ordenamento territorial, como também, assume uma função intermediadora do espaço proporcionando sua significação.

Este mecanismo quando bem implementado aderido aos programas de planejamento integrado, possibilitará ao turista uma interação mais autêntica como também, uma relação mais duradoura com o ambiente visitado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises apresentadas neste artigo, foi descrito de maneira sumária o conceito de comunicação, junto as consecutivas técnicas no uso da linguagem que permitiam com que os indivíduos obtivessem trocas de informações e compreendessem as representações do universo a sua volta durante seu processo evolutivo. Em seguida, percorreu-se uma contextualização ampla do emprego da sinalização turística como mecanismo interpretativo, frente as inúmeras possibilidades de percepções dos cenários turísticos e, de sua função intermediadora para o ordenamento e a significação do espaço.

Enfatizou-se também, a necessidade de políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento sustentável do turismo através do planejamento participativo da atividade, para que a torne viável e atinja seu propósito com êxito, mediante de um diálogo genuíno e simétrico a qual exige as relações sociais.

Posteriormente foi visto, de forma sintetizada, o processo histórico o qual ‘sofreu’ Florianópolis, pela fragilização dos modos tradicionais de vida, já que sua relação social umbilical com o espaço vem sendo gradativamente influenciados por novas tendências contemporâneas, dentre as quais o turismo, propondo com isso, uma reflexão sobre a forma bipolar que a atividade pode assumir na relação com os destinos indutores.

Por fim, nota-se que a Costa da Lagoa é uma das poucas localidades que ainda mantém elementos representativos da cultura popular Ilhéu, assim como de particularidades ecológicas de caráter excepcional devido às suas limitantes geográficas. Entretanto, a comunidade carece de incentivos multilaterais para a valorização e reconhecimento de seus atributos, principalmente quando estes são relacionados ao turismo, que atualmente representa seu principal motivador econômico, como evidenciou a pesquisa realizada.

Desta forma, a vasta bibliografia apresentada, juntamente com a pesquisa realizada, enriqueceram o conteúdo proposto reunindo informações que permitiram um olhar abrangente sob diferentes óticas do conhecimento científico, através de uma abordagem de caráter multi e interdisciplinar, para alicerçar a aproximação com o objeto de estudo.

Nesse sentido, de acordo com os objetivos específicos traçados no início deste artigo, o estudo alcançou os resultados pretendidos no decorrer de toda a argumentação lógica que

norteou esta produção – no que tange a preocupação com o meio ambiente, a aproximação com a cultura e valorização da memória local, e a necessidade de sinalização interpretativa para estruturação dos atrativos turísticos, como estratégia inerente aos dois primeiros objetos, citados acima.

No entanto, em função do modelo adotado neste artigo, não foi possível delongas em partes que exigiriam um maior aprofundamento, quando se trata em analisar a complexidade do fenômeno turístico, atividade que somente passou a ser investigada nestas últimas décadas, bem como, em uma investigação mais detalhada sobre a Costa da Lagoa, tendo em vista a escassez dos trabalhos científicos voltados para sua inventariação.

O estudo, aqui mencionado, teve a pretensão de elucidar alguns dos diferentes aspectos correlacionados a dinâmica do turismo, não descartando, porém, a possibilidade de problematização no delineamento da pesquisa. O autor percebe que, por se tratar de uma atividade relativamente recente e extremamente cativante, o turismo permite avançar sobre diferentes direções no desenvolvimento desta ciência social. Contudo, o presente artigo conteve-se em aludir, neste primeiro momento, uma fração de seu universo exponencial.

A sinalização, como meio de comunicação, pretende contribuir para a valorização e revitalização dos atrativos turísticos que, atentos ao número crescente de ingressos turísticos pelo mundo, faz com que os destinos indutores apelem para o incremento estrutural como forma de resguardar seus recursos.

Este trabalho buscou fomentar práticas educativas através da leitura interpretativa dos elementos presentes na região da Costa da Lagoa. Tais propostas pretendem ser parte adjacente as iniciativas futuras em infraestrutura, imbricado aos programas de planejamento integrado do turismo.

Nessa perspectiva, o estudo sobre a sinalização interpretativa age em prol do reconhecimento local, atuando em defesa de sua preservação e valorização, em respeito a natureza e fortalecimento dos laços afetivos entre visitantes e autóctones, através de uma relação autêntica e harmônica em seu processo interativo, auxiliando para tanto, alcançar o desenvolvimento sustentado do turismo.

REFERÊNCIAS

- ACERENZA, Miguel Angel. **Administração do Turismo**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.
- ALVES, Gerlúzia de Oliveira Azevedo. **A Arte rupestre como expressão da cultura**. Natal, UFRN, 2006.

ANTUNES da Luz, Esdras Pio. **Na Reversa do Vento: a cultura náutica da Costa da Lagoa-Florianópolis/SC**. Dissertação de Mestrado – MPPT/UDESC. Florianópolis, 2014.

ANTUNES, Rogéria. **Desenvolvimento turístico: Um olhar sobre as comunidades receptoras**. Doris Ruschmann, Karina Toledo Solha (Org.). São Paulo: Manole, 2006.

BARRETO, Margarita. **Manual de Iniciação ao estudo do turismo**. 12ed. Campinas: Papirus, 1995.

BARRETO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**. São Paulo: Papirus Editora, 2000.

BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 1997.

BENI, Mário Carlos. **Política e Planejamento de Turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BERLO, David K. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIANCHINI, Eliza; TONINI, Hernanda. **Imagem e Turismo: Um breve estudo do destino**. Florianópolis. Trabalho de mestrado do curso de turismo da universidade Caxias do sul. 2006.

BONINI, Adair. **Veículo de Comunicação e Gênero Textual: Noções Conflitantes**. Texto inédito. UNISUL, 2001.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Estrangeiro que visita o Brasil deseja Voltar**. Disponível em: < http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20130828.html>. Acesso em: 28 out. 2014.

BRASIL. Senado Federal. **Portal legislação Constituição Federal: Art. 180**. 1998. Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.06.1998/CON1988.shtm>. Acesso em: 28 out. 2014.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A história do alfabeto**. Paulistana Editora, 2009.

CAMPOS, Nazareno José de. **Terras comunais e pequena produção açoriana na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1991.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas**. Florianópolis: Insular, 2000.

CARNEIRO, Glauco. **Florianópolis: Roteiro da Ilha Encantada**. Florianópolis: Expressão, 1987. (Série: Cidades Brasileiras. Vol. I).

CASCAES, Flanklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. 2 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2000.

CASTELLS, Manuel; Roneide Venancio Majer. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CECA/FNMA. In: **Uma cidade numa ilha**. Uma visão das culturas tradicionais. Florianópolis: Insular, 1996. p. 63.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: MAKRON Books, 1996.

CORIOLOANO, Luzia Neide. **Lazer e Turismo para o Desenvolvimento na Escala humana**. 2013. Revista Lusófona de Estudos Culturais. Vol. 01, nº 2, pp. 127-142. Universidade Estadual do Ceará.

DANTAS, Eugênia M. **Caminhos de uma geografia complexa**. In: GALENO, Alex & Silva; Aldo, A. Dantas da. **Geografia - Ciência do complexus**. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

DENCKER, A. F. Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DIÁRIO CATARINENSE. **Turista cai e morre, na cachoeira da Costa da Lagoa, em Florianópolis**. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2011/01/turista-cai-de-cachoeira-e-morre-na-costa-da-lagoa-em-florianopolis-3192311.html>>. Acesso em: 16 set. 2014.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao Turismo**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do Turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

DICIONÁRIO *ONLINE* em português. **Psicanálise**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/psicanalise/>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

DE LA TORRE, Oscar Padilha. **El turismo: fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. Ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, Francisco Antônio Carneiro. **Projeto Parque Estadual do Rio Vermelho: Subsídios ao plano de manejo**. (Org). Florianópolis: Insular, 2010.

FIGUEREDO, Luiz Guilherme Buchmann; FERREIRA, Victor Henrique Moreira. **Logística de sinalização e acessibilidade**: livro didático. Palhoça: UnisulVirtual, 2011.

FONTELES, José Osmar. **Turismo e impactos socioambientais**. São Paulo: Aleph, 2004.

FLORAN. **Áreas de preservação: áreas de preservação permanente**. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/floram/>>. Acesso em: 16 set. 2014.

FLORIANÓPOLIS. **Fundação Franklin Cascaes**. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=franklin+cascaes&menu=1>>. Acesso em: 24 set. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W. **Turismo: Princípios, Práticas e Filosofias**. Trad.: Roberto Cataldo Costa. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOTIJO, Silvana. **O Livro de Ouro da Comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio de Janeiro, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquetípicos e o inconsciente coletivo**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LA TORRE, Oscar Padilha de. **El turismo: fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

LEITE, Edson. **Turismo Cultural e patrimônio imaterial no Brasil**. São Paulo: INTERCOM, 2011.

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo Cultural**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEDEIROS, Bianca Freire. **Entre tapas e beijos: A favela turística na perspectiva de seus moradores**. Revista Sociedade e Estado: Vol. 25. 2010.

MEREGE, Ana Lúcia. **O livro do ocidente medieval**. In: Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 127. Rio de Janeiro, 2009.

MOLINA, Sergio. **Turismo: Planejamento integral**. São Paulo: EDUSC, 2001.

MORAES C. C. A. **Turismo de experiência e interpretação em museu**. Alexandre Panosso Neto, Cecília Gaeta (Org.). São Paulo: Editora Senac São Paul, 2010.

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. **Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado: um guia**. Belo Horizonte: Sebrae/MG, 1995.

MOSIMANN, João Carlos. **Ilha de Santa Catarina – 1777:1778 – A invasão espanhola**. Florianópolis: Edição do autor, 2003.

NUNES, Fernanda. **As representações da favela e seus significados: o caso dos souvenirs “by Rocinha”**. Alexandre Panosso Neto, Cecília Gaeta (Org.). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL SEBRAE: **OMT Organização Mundial do Turismo**. Disponível em: < <http://ois.sebrae.com.br/comunidades/omt-organizacao-mundial-do-turismo/>>. Acesso em: 02 set. 2014.

OMT, Organização Mundial do Turismo: **International tourism generates US\$ 1.4 trillion in export earnings**. Disponível em: < <http://media.unwto.org/press-release/2014-05-13/international-tourism-generates-us-14-trillion-export-earnings/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

ONUBR, Organização das Nações Unidas no Brasil. 2011. **Ética no Turismo é Essencial Para Proteger O Planeta**. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/etica-no-turismo-e-essencial-para-proteger-o-planeta-afirma-onu/>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **A história do turismo em Florianópolis**: narrada por quem a vivenciou (1950 – 2010). Florianópolis: PalavraCom Editora, 2011.

OLIVEIRA, Anelise Martins de. **Planejamento participativo como instrumento de desenvolvimento turístico responsável**. Caderno Virtual de Turismo. Vol. 8. 2008.

PIAZZA, Walter F. **A Epopéia Açorico Madeirense (1747-1756)**. Editora da UFSC; Editora Lunardelli. Florianópolis: 1992.

PIERONI, Gabriela Cristina. **Engenhos da Cultura**: teias agroecológicas. Florianópolis: Ponto de Cultura Engenhos de Farinha/Cepago, 2014.

RAMOS, Jéssica W. R. **Reestruturação da Trilha da Costa da Lagoa**. Trabalho de Conclusão de Curso - Turismo/FASSESC. Florianópolis, 2012.

REGO, Cláudia de Moraes. **Traço, letra, escrita**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

ROSA, José Armando Marques. **Turismo Social**: Um estudo de caso na Costa da Lagoa – Florianópolis/SC. Florianópolis, 2002, 60 p. Dissertação Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

RUSCHMANN, D. van de M. **Planejamento turístico**. Marília Gomes dos Reis Ansarah (Org.). Turismo: como aprender, como ensinar. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2001.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1998.

SINAIS e Símbolos turísticos: **Guia ilustrado e descritivo**. Organização Mundial do Turismo (Org.) Tradução: Gabriela Scuta Fragliari. São Paulo: Roca, 2003.

SARTI, Antonio Carlos; QUEIROZ, Odaléia Teles M. M. In: **Espaço, paisagem, lugar, território e região** – a organização do espaço turístico. Turismo planejamento estratégico e capacidade de gestão. São Paulo: Manoele, 2012.

SEBRE, Observatório Internacional. **OMT - Organização Mundial do Turismo**. Disponível em: < <http://ois.sebrae.com.br/comunidades/omt-organizacao-mundial-do-turismo/>>. Acesso em: 18 nov.2014.

SOLHA, Karina Toledo. **Política de turismo: Desenvolvimento e implementação.** Doris Ruschmann, Karina Toledo Solha (Org.). Planejamento Turístico. São Paulo: Manole, 2006.

SOUZA, Maria Elaine Alves: **Sinalização turística e percepção do espaço geográfico.** Turismo – Visão e Ação: Vol. 8, 2006.

SOUZA, Sheila Carla de. **A noção de totalidade na teoria junguiana: breves considerações.** Revista Panorama do Brasil, nº 50. 2013.

TASSO, Cândida de Oliveira. **Complexão da Política Urbana de Florianópolis: Instrumento básico para o desenvolvimento sustentável.** Florianópolis: Insular, 2008.

TELES, Reinaldo Miranda de Sá. **A importância do território na prática do planejamento turístico: Reflexões acerca do Brasil.** Doris Ruschmann, Karina Toledo Solha (Org.). Planejamento Turístico. São Paulo: Manole, 2006.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo básico.** 6. ed. São Paulo: Senac, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Viagem como experiência significativa.** Alexandre Panosso Neto, Cecília Gaeta (Org.). São Paulo: Editora Senac São Paul, 2010.

UNESCO. **Parque nacional de Yellowstone.** Disponível em: <<http://whc.unesco.org/es/list/28>>. Acesso em: 10 set. 2014.

URRY, Jhon. **Olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.** Trad.: Carlos Eugênio M. de Moura. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel - SESC, 1999.

VEIGA, Elaine Veras da. **Memória urbana.** Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

VIEIRA, Telmo Pedro. **A transformação da cultura de base açoriana catarinense através do desenvolvimento da pesca e do turismo – um estudo antropológico.** 2008. 610 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Salamanca, Espanha, 2008.

XAVIER, Herbe. **A Percepção Geográfica do Turismo.** São Paulo: Aleph, 2007.

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO AVALIATIVO

Florianópolis, Setembro de 2014.

Sou acadêmico do curso de Turismo das Faculdades Estácio/ASSESC e este questionário tem como objetivo conhecer a opinião dos moradores da Costa da Lagoa, quanto a **sinalização turística/interpretativa e a estrutura receptiva da cachoeira** da comunidade.

Agradeço se puder ajudar! Muito obrigado pela sua atenção.

1. Como você considera a **sinalização turística** da Costa da Lagoa (de maneira geral)?

- () Ótima
- () Boa
- () Regular
- () Ruim
- () Muito ruim

2. Você acha importante retratar a **história** do lugar através da implantação de **sinalizações turísticas/interpretativas** em alguns pontos estratégicos das trilhas, tais como: o engenho, o casarão da Dona Lóquinha e ruínas, entre outros?

- () Sim, acho muito importante.
- () Sim, acho importante.
- () Não tenho certeza.
- () Não vejo necessidade.
- () Acho desnecessário.

3. Quanto aos **aspectos naturais**, você acha importante identificar algumas espécies da fauna e flora pelas trilhas, assim como, adotar algumas medidas para conscientização e controle de poluição?

- () Acho extremamente importante.
- () Talvez.
- () Não acho necessário.

4. Com que frequência você anda pelas trilhas da comunidade ?

() Sempre. () Às vezes. () Raramente. () Nunca. () Depende da estação do ano.

5. Como você considera a estrutura receptiva da **cachoeira** da Costa da Lagoa?

() Ótima

() Boa

() Razoável

() Ruim

() Muito ruim

5. Você acha importante a **cachoeira** como um atrativo turístico para a comunidade?

() Sim, considero muito importante.

() Não tenho certeza.

() Não considero importante.

6. Você acha interessante fazer da área da **cachoeira** um parque ecológico, com estrutura acessível, informações educativas e monitoramento para prevenir possíveis acidentes?

() Acho muito interessante.

() Acho interessante.

() Não tenho certeza.

() Não acho interessante.

() Não deve ter um parque ecológico.

7. Com que frequência você vai á **cachoeira** da Costa da Lagoa?

() Sempre.

() Às vezes.

() Raramente.

() Nunca.

() Depende da estação do ano.

Grato pela sua atenção.

FACULDADES INTEGRADAS ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE SANTA CATARINA
CURSO DE TURISMO
ROMÁRIO JOSÉ FERNANDES

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

FLORIANÓPOLIS, 2014/2

1 LOCAL DO ESTÁGIO

A realização do estágio foi efetivada junto a cooperativa dos barqueiros da Costa da Lagoa – COOPERCOSTA, na qual o acadêmico já possui relação profissional há três anos como autônomo. A empresa está localizada dentro dos perímetros do Parque Florestal do Rio Vermelho, no bairro São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina. O acesso não se encontra em boas condições, possuindo uma discreta sinalização rodoviária que indica sua entrada, pela rodovia João Gualberto Soares, SC 406, próximo ao centro de tratamento da CASAN.

Foto 1- Placa rodoviária sentido Barra da Lagoa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Foto 2 – Placa rodoviária sentido Rio Vermelho



Fonte: Elaborado pelo autor.

1.1 DADOS DA EMPRESA

Razão social: Cooperativa de Trabalho dos Barqueiros da Costa

Nome fantasia: COOPERCOSTA

Segmento: Transportes lacustre

Porte: Pequeno

CNPJ: 05.433.256/0001-06

Endereço: Rod. João Gualberto Soares, s/n – Rio Vermelho – Florianópolis.

Site: www.coopercosta.com.br

1.2 HITÓRICO DA EMPRESA

A cooperativa foi fundada em 13/11/2003 com apoio da secretaria de transportes e terminais do município, localizada dentro dos perímetros do Parque Florestal do Rio Vermelho, no bairro São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina. Esta organização surgiu por iniciativa dos próprios moradores da comunidade da Costa da Lagoa, em contrapartida ao número ascendente de turistas que buscam pelas belezas inerentes do entorno da Lagoa da Conceição e, em especial á comunidade tradicional da Costa da Lagoa.

Para controlar suas atividades administrativas a cooperativa utiliza o uso de Atas. Nelas ficam registradas todas alterações transcorridas referente suas atividades como canal para oficializar seus registros. Através deste recurso a cooperativa estabelece suas metas e objetivos, geralmente discutidas em reuniões e assembleias, que podem ser de caráter geral ou extraordinária. Esta última, geralmente ocorre a cada dois anos para substituição da diretoria eleita por meio de votação entre os membros constituintes, mediante a publicação em jornal de circulação pública ratificando sua autenticação.

Através de ações e medidas administrativas como as descritas acima, a prestação de contas e demais questões relacionadas a dinâmica da empresa são decididas e encaminhadas pelo grupo. A entrada de um novo integrante a cooperativa só será possível através mesmo principio de votação, entretanto, torna-se necessário que o indivíduo seja pertencente a própria comunidade da Costa da Lagoa e que possua um barco adequado a função. Outro quesito importante, é o estatuto interno que a empresa possui como forma de determinar a conduta exigível dos seus membros associados, impondo advertências e punições caso não sejam atendidas.

1.3 ESTRUTURA FÍSICA DA EMPRESA

A empresa está instalada em uma área de aproximadamente trezentos vinte metros quadrados (320m²), que corresponde a toda circunscrição desta estrutura, que integra tanto o atracadouro para as embarcações (píer), assim como, ao espaço designado as atividades administrativas da cooperativa. A organização possui quarenta e cinco (45) embarcações, cada qual, pertencente a um cooperado, sendo classificadas em sete (10) baleeiras e trinta e oito (35) botes, que variam sua capacidade de carga entre de dez (10) a quarenta e quatro (44) passageiros.

Foto 3 - Chegando a COOPERCOSTA



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Foto 4 - Vista para Costa da Lagoa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Foto 5 – Placa informativa e espaço administrativo da COOPERCOSTA



Fonte: Elaborado pelo autor.

As instalações apresentam-se comprometidas pela ação do tempo e pelo uso intensivo dos equipamentos. Atenta-se, quanto a preocupação dos integrantes da cooperativa e aos demais residentes da comunidade local, quanto a precariedade da estrutura receptiva disponível para atendimento turístico, destacando principalmente, as condições precárias que encontram-se a via de acesso ao terminal lacustre.

A estrada de acesso ao terminal lacustre é carente de sinalização turística e infraestrutura adequada (ex: água, luz, saneamento, calçamento e de um espaço adequado para depósito de lixo etc..), que atenda as necessidades dos turistas e dos moradores. O acesso demanda maior parte dos insumos que atendem aquela localidade, percebe-se portanto, que há uma indignação por parte da população residente na Costa da Lagoa, relacionada a falta de estruturação do local, que acaba afetando as operações nas atividades rotineiras.

Figura 6 - Os cooperados Vilmo e Valdir apontam para as condições precárias do acesso a COOPERCOSTA



Fonte: Elaborado pelo autor.

Um das questões mais importantes desta abordagem é salientar a necessidade de se promover uma pesquisa de caráter multidisciplinar com turismólogos, biólogos e geógrafos para desenvolver um planejamento adequado a esta área em conjunto a entidades afins. Com um estudo mais detalhado e a análise de suas características poderão surgir propostas efetivas que atendam as necessidades da comunidade local, que depende quase que exclusivamente deste acesso para manterem suas atividades cotidianas, assim como, em formas que possam garantir a preservação do meio ambiente e na conciliação deste com a atividade turística.

Figura 6 - Local para deposito de resíduos sólidos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 7 - Deposito de resíduos hospitalares



Fonte: Elabora pelo autor.

Figura 8 - Placa de indicação



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 9 - Placa de advertência



Fonte: Elaborado pelo autor.

Tais empecilhos, restringem que um número maior de turistas visitem a comunidade e conheçam a região, que sofre a ausência de cunho público/privado, voltadas para a valorização deste expressivo reduto turístico, tendo em vista sua imponente capacidade

paisagística/cênica, como também, de ações pontuais impostas pela cooperativa que dependem de uma maior representatividade através de parcerias multilaterais.

Uma das maiores dificuldades apontadas pela COOPERCOSTA é a falta de articulação com a Fundação do Amparo ao Meio Ambiente de Santa Catarina - FATMA, órgão gestor do parque florestal do Rio Vermelho, no que diz respeito a estruturação do lugar para fomento da atividade turística que sofre pela ausência de uma estrutura mínima, como por exemplo a falta de banheiros públicos.

Entretanto, a insuficiência em infraestrutura acaba propiciando outros impactos ainda maiores ao meio ambiente, que dependeriam de um estudo minucioso para analisar suas condicionantes ambientais e avaliar sua capacidade de carga e adequá-la à atividade turística. Quanto a isso, seria necessário buscar através de um trabalho multidisciplinar, soluções que ajam em benefício ao meio ambiente e na conciliação deste às pessoas que fazem uso do local. Uma das soluções, talvez, seria promover práticas de ecoturismo através de parcerias de cunho público-privado, como uma forma de zelar pelo espaço e propiciar o desenvolvimento da atividade turística, favorecendo tanto a cooperativa no exercício de sua função, quanto a sustentabilidade do espaço perante os princípios norteadores da atividade.

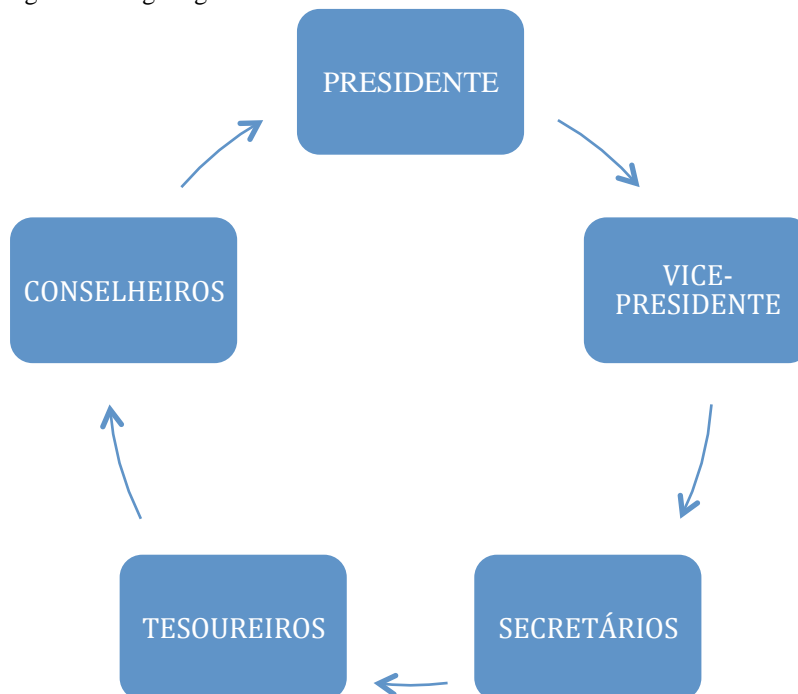
1.4 SETORES/DEPARTAMENTOS E ORGANOGRAMA

A primeira observação é que este modelo de empresa, mais especificamente a COOPERCOSTA não adota nem setores ou departamentos formais, mas sim, possui designações de algumas tarefas específicas a cada cooperado.

As funções ocupadas pela diretoria da COOPERCOSTA é formada pelo presidente, responsável por representar a cooperativa nas relações junto aos associados e ao público externo, como também, possui autonomia de advertir ou punir os indivíduos que não cumpram com as obrigações prescritas pelo estatuto interno. O vice-presidente é aquele que na ausência do presidente assume sua representatividade, tendo algumas atribuições complementares. O primeiro e segundo secretários são os integrantes alocados na área administrativas da cooperativa, auxiliando em práticas eventuais que exigem sua participação. O primeiro e segundo tesoureiros assumem a responsabilidade na arrecadação da mensalidade através de boletos e na realização dos depósitos bancários mediante a prestação de contas junto ao contador, único serviço que é terceirizado pela cooperativa. Os conselheiros, grupo formado por quatro indivíduos, exigem o cumprimento da norma e atuam na fiscalização das

atividades rotineiras, assim como, possuem função intermediadora, garantindo a harmonia dentro do ambiente organizacional.

Figura 3 - Organograma da COOPERCOSTA



Fonte: Elaborado pelo autor.

A cooperativa é composta apenas por duas divisões, porém, parte dos cooperados além de operarem no transporte de passageiros são incumbidos de algumas funções administrativas, estes, constituem parte da diretoria formada pelo presidente, vice-presidente, secretários, tesoureiros e conselheiros. Nesse sentido, para facilitar o entendimento da rotina de trabalho na cooperativa, serão descritas a seguir as atividades desenvolvidas pela diretoria:

- A elaboração da escala serviço;
- A integridade do ambiente de trabalho;
- Na promoção do comprometimento e assiduidade dos cooperados;
- Na gestão transparente das movimentações financeiras;
- Em garantir benefícios equânimes aos cooperados;
- Na arrecadação do boleto para manutenção das atividades administrativas;
- Na recepção e orientação dos turistas que buscam pelo serviço;
- Na cobranças de tarifarias referente ao passeio de barco.

Quanto ao setor operacional, repartição da cooperativa onde encontram-se a grande maioria de seus membros, as atividades são: recepção, orientação e transporte de passageiros. Estas práticas são realizadas pelos cooperados em suas próprias embarcações, seguindo as

diretrizes firmadas pela diretoria na designação de seus exercícios diários. O estagiário participou ativamente de todas as atividades relacionadas a cooperativa, tanto junto ao conselho quanto ao operacional.

1.5 CARACTERÍSTICAS DOS SERVIÇOS

Os serviços são realizados todos os dias, possuindo horários regulares às 08h às 12h e às 17h, este último é transferido para às 19h nos períodos de alta temporada, exceto isso, os passeios de barco podem ser adquiridos a qualquer momento através da taxa atribuída ao valor turista de quinze reais (ida e volta), possuindo preço diferenciado para os moradores da Costa da Lagoa mediante comprovante de residência.

O traslado é realizado principalmente até a comunidade tradicional da Costa da Lagoa, podendo ser negociado até outros pontos da Lagoa da Conceição. A COOPERCOSTA possui 45 (quarenta e cinco) integrantes, que trabalham em suas próprias embarcações, todas registradas pela Capitania dos Portos de Santa Catarina – CPSC, sendo rigorosamente inspecionados anualmente.

2 O ESTÁGIO

O estágio contribuiu para o acadêmico desenvolver suas habilidades profissionais, possibilitando de forma integral aplicar o conhecimento teórico adquirido na academia ao plano prático da atividade turística. As práticas estabelecidas junto a COOPERCOSTA foram fundamentais para o estagiário vivenciar a dinâmica que envolve o cotidiano administrativo e operacional desta organização que opera passeios turísticos pela bacia hidrográfica da Lagoa da Conceição por meio de embarcações. O mesmo em seu estágio obrigatório cumpriu com seis horas diárias, de quarta a domingo, no período de 18/08/14 até 07/10/14, totalizando 252 horas.

2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA EMPRESA PELO ESTAGIÁRIO

O estagiário cumpriu com as atividades estabelecidas pela cooperativa e com a carga horária prevista, que o possibilitou ao mesmo, contribuir com as atividades rotineiras desta organização. Entre as práticas desenvolvidas, destacam-se:

- Recepção e a orientação dos turistas que procuram pelo serviço;

- Participação em atividades administrativas da organização;
- Operações no transporte de passageiros pela Lagoa da Conceição;
- Propostas de melhorias para fomento da atividade turística;
- Contribuições para incentivar o espírito de equipe entre os cooperados;
- Ações efetuadas em conformidade ao estatuto interno da cooperativa.

2.3 ANÁLISE DO ESTÁGIO

O estágio possibilitou ao acadêmico desenvolver suas aptidões profissionais, como também, permitiu ao mesmo adquirir um olhar mais criterioso sobre os diferentes aspectos relacionados a dinâmica do turismo, no que se refere as características dos serviços oferecidos e nas condições estruturais necessárias para se promover o desenvolvimento da atividade. Foi possível conhecer a importância deste modelo organizacional, que propõe uma forma de crescimento harmônico e igualitário, a qual, exige uma relação cooperativa, onde todos são agentes participantes dentre as etapas de seus processos.

2.3.1 Aspectos Positivos

Dentre os aspectos positivos da cooperativa, destaca-se seu modelo estrutural aderida a própria filosofia de crescimento equânime a qual propõe este tipo de organização. A segunda observação favorável é refletida pela melhoria estrutural das embarcações devido ao crescimento singular de turistas que procuram pelo serviço nestes últimos anos.

Estas embarcações é um quesito que vale ser mencionado em função de sua variedade, dentre elas, especificamente as baleeiras ganham atenção por terem um feitio diferenciado de madeiras sobrepostas, umas sobre as outras que facilita sua navegabilidade. Inicialmente estas embarcações eram projetadas para caça da baleia na região, mas devido sua proibição, hoje ganham um novo significado como barco característico do litoral catarinense, ainda pouco reconhecido e valorizado em sua totalidade.

Outro ponto considerável, corresponde a experiência de navegação apresentada pelos membros da cooperativa, assim como, pela sua assiduidade em atender a legislação marítima. Além destas considerações, destaca-se a própria oportunidade de estágio, tendo em vista que não são todas as empresas que oferecem espaço para o aprendizado.

Para tanto, merece apreço todo auxílio prestado ao acadêmico e pelo aprendizado adquirido através desta vivência, ressaltando a colaboração dos integrantes da

COOPERCOSTA em algumas atividades sugeridas pelo mesmo, que contribuíram para tanto, enriquecer este trabalho.

2.3.2 Aspectos Limitantes

Os principais fatores limitantes da COOPERCOSTA pode-se citar, a carência em infraestrutura (básica) turística como por exemplo a inexistência de água, luz e saneamento, como de suportes necessários a cooperativa, no que se diz respeito a sua melhoria estrutural, que apresentam-se comprometidas pela ação do tempo e pelo uso intensivo dos equipamentos.

Outro quesito a ser enfatizado, é demonstrado pela ausência de incentivo turístico ao local, que se reflete pela precariedade de acesso ao terminal lacustre, que dependeria de uma pavimentação que facilite o trânsito tanto de veículos como de pedestres. Juntamente a isso, tornando-se necessário uma sinalização turística/interpretativa que contribua para orientação dos visitantes e com a promoção da atividade turística na região, como revelado pela insuficiência das estruturas de apoio.

E por último, atenta-se para o *site* da empresa que apresenta-se desatualizado e com poucos informações disponíveis sobre as características histórico-culturais e ecológicas daquela localidade, que poderia utilizar destes elementos para contribuir com sua divulgação. Uma proposta, seria dispor de mecanismos que intensifique a interatividade com seus clientes, aceitando críticas e sugestões dos serviços prestados, realizando análises e correções periódicas para que melhorem seu desempenho.

Estas deficiências, permitiram ao estagiário refletir sobre as variáveis que envolvem o cotidiano desta organização e identificar o quanto a carência de infraestrutura pode interferir no desenvolvimento sustentável da atividade turística na região, como comprometer a qualidade da experiência turística. Para tanto, atenta-se que pela ineficiência e/ou a insuficiência de estruturas turísticas podem causar múltiplos reflexos agravantes ao meio ambiente como as pessoas que fazem uso deste.

2.3.3 Conhecimentos Adquiridos

Com o estágio foi possível construir um paralelo entre a faculdade e as práticas exercidas pelo acadêmico nesta organização. Destaca-se principalmente as aulas de Planejamento e Organização do Turismo em Áreas Urbanas e Naturais, que propiciaram ao mesmo a capacidade de assimilar, problematizar e aplicar seus conceitos.

Pensar em turismo atualmente, é considerar uma atividade transformadora do espaço que necessita ser analisada atenciosamente. A formação de turismólogos para promover, estudar, gerir e investigar suas dimensões é vital para que se promova o desenvolvimento sustentável desta atividade, que encontra-se em um período de acessão mundial.

Nessa perspectiva, o apoio institucional das Faculdades Integradas a Associação de Ensino de Santa Catarina - Estácio/ASSESSC, justamente com o auxílio dos professores mediante suas distintas percepções intelectuais, propiciaram ao acadêmico expandir seus conhecimentos e aprimorar suas aptidões através de uma visão agregadora.

*Dedico à minha avó,
por ter me guiado pelos caminhos da fé e da luz
à minha amiga e mãe,
obrigado pela vida e por nutrir meus sonhos
ao meu herói e pai,
por seu amor incondicional e pela paciência,
ao meu avô,
por ser exemplo em todos os sentidos.*